

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TANGARÁ DA SERRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS
MESTRADO ACADÊMICO**

**ENTRE LITERATURA E OPINIÃO: VIDA INTELECTUAL DE MIA COUTO PELAS
OBRAS *ANTES DE NASCER O MUNDO E PENSATEMPOS***

LÉIA DA SILVA GOMES TORRES

**Tangará da Serra/MT
2014**

LÉIA DA SILVA GOMES TORRES

**ENTRE LITERATURA E OPINIÃO: VIDA INTELECTUAL DE MIA COUTO PELAS
OBRAS *ANTES DE NASCER O MUNDO E PENSATEMPOS***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Orientadora: Prof^a. Dra. Vera Lúcia da Rocha Maquêa.

**Tangará da Serra/MT
2014**

LÉIA DA SILVA GOMES TORRES

**ENTRE LITERATURA E OPINIÃO: VIDA INTELECTUAL DE MIA COUTO PELAS
OBRAS *ANTES DE NASCER O MUNDO E PENSATEMPOS***

Mestrado em Estudos Literários

Departamento de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)

Tangará da Serra, ____ de ____ 2014.

Prof. Dr. Aroldo José Abreu Pinto

Coordenador do programa

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Vera Lúcia da Rocha Maquêa

UNEMAT

Professora Orientadora

Prof. Dr. Agnaldo Rodrigues

UNEMAT

Prof^a. Dr^a. Rosana Cristina Zanelatto Santos

UFMS

Aos amores José Neto e Ed Motta que estiveram comigo nessa jornada, abdicando de nosso tempo juntos, para mais uma conquista.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus pela benção de estar nesse novo desafio; Aos familiares; Aos meus pais pelo incentivo, ao meu filho José Neto pela paciência e desapego. Ao meu esposo, companheiro de todas as horas.

Não podia deixar de agradecer a minha orientadora e amiga, Dra. Vera Maquêa que me levou a beber nas águas do tempo de Mia Couto e navegar nesse oceano de oralidade e escrita.

A minha amiga do coração, a irmã que não tive Marluci Demozzi, companheira de turma, companheira para toda a vida, meu muito obrigada. Não há palavras que descreva o que vivemos juntas nos devaneios literários e na parceria dessa jornada.

África não pode ser reduzida a uma entidade simples, fácil de entender. O nosso continente é feito de profunda diversidade e de complexas mestiçagens. Longas e irreversíveis misturas de culturas moldaram um mosaico de diferenças que são um dos mais valiosos patrimônios do nosso continente. Quando mencionamos essas mestiçagens falamos com algum receio, como se o produto híbrido fosse qualquer coisa menos pura. Mas não existe pureza quando se fala da espécie humana. Não há economia actual que não se alicerce em trocas. Pois não há cultura humana que não se fundamente em profundas trocas de alma.

(MIA COUTO)

RESUMO

A presente dissertação visa à compreensão dos elementos que constituem o pensamento de identidade cultural, através da teoria de hibridismo sob o olhar de Benjamim Abdala Junior, investigando o fenômeno de deslocamentos e migrações do indivíduo em diversas formações sociais, bem como, seu lugar de pertencimento e o pensamento intelectual. O objetivo deste texto vai além de traçar a história do intelectual, busca lançar o debate desse novo intelectual na modernidade, as suas funções no contexto sócio-político-econômico e cultural e a sua capacidade de deslocamento e desapego numa visão cosmopolita de sociedade. Esse estudo será desenvolvido analisando-se a obra literária do moçambicano Mia Couto, mas especificamente sua obra de ficção *Antes de nascer o mundo* e de opinião *Pensatempos*, quando identidade e intelectualidade permeiam essa literatura e o autor intervém através de seus textos em acontecimentos de todo o mundo.

PALAVRAS-CHAVE: MIA COUTO, IDENTIDADES, INTELECTUALIDADE

ABSTRACT

This dissertation aims the understanding of elements that constitute the thought of cultural identity through the theory of hybridity under the gaze of Benjamin Abdala Junior, investigating the migrations and displacements phenomenon of individuals in various social formations, as well as their place of belonging and intellectual thought. The aim of this paper goes beyond tracing the history of this intellectual, it pursuits the launch of debate about this new intellectual on modernity, their roles in the socio-political-economic and cultural context, and its ability to shift and detach under a cosmopolitan vision of society. This study will be developed by analyzing the literary work of the Mozambican Mia Couto, more specifically his fiction work "*Antes de nascer o mundo*" and opinion in texts "*Pensatempos*", when identity and intellectuality that pervade this literature and the author intervenes through his texts in events around the world.

KEYWORDS: MIA COUTO, IDENTITIES, INTELLECTUALITY

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: MIA COUTO – IDENTIDADES E INTELLECTUALIDADE ..	09
CAPÍTULO I - TRADIÇÃO, ORALIDADE E INTELLECTUALIDADE NAS DOBRAS DA LITERATURA DE MIA COUTO	14
1.1 Literatura e resistência: Tradição e Oralidade na narrativa poética de Mia Couto ..	14
1.2 Nos entre-mundos de Mia Couto: Uma visão abrangente de Moçambique.	23
1.3 Mia Couto: cidadão cosmopolita, um intelectual público.	30
CAPÍTULO II - RASTROS IDENTITÁRIOS E INTELLECTUALIDADE	42
2.1 Antes de Nascer o Mundo: Jesusalém e a Gênese de Silvestre Vitalício.	42
2.2 O renascer aos olhos de Silvestre Vitalício, na alegoria do nome das personagens.....	51
2.3 O canto feminino grafado nas epígrafes de <i>Antes de nascer o mundo</i>	61
2.4 O fragmento que estrutura o todo: os três livros que compõem <i>Antes de nascer o mundo</i>	80
2.5 As duas vozes narrativas: Mwanito (Moçambique) e Marta (Portugal)	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS.....	89

INTRODUÇÃO: MIA COUTO – IDENTIDADES E INTELLECTUALIDADE

A presente dissertação visa à compreensão dos elementos que constituem o pensamento de identidade cultural, através da teoria de hibridismo sob o olhar de Benjamim Abdala Junior, investigando o fenômeno de deslocamentos e migrações do indivíduo em diversas formações sociais, bem como, seu lugar de pertencimento e o pensamento intelectual.

O objetivo deste texto vai além de traçar a história do intelectual, busca lançar o debate desse novo intelectual na modernidade, as suas funções no contexto sócio-político-econômico e cultural e a sua capacidade de deslocamento e desapego numa visão cosmopolita de sociedade.

Esse estudo será desenvolvido analisando-se a obra literária do moçambicano Mia Couto, mas especificamente sua obra de ficção *Antes de nascer o mundo* e de opinião *Pensatempos*, quando identidade e intelectualidade permeiam essa literatura e o autor intervém através de seus textos em acontecimentos de todo o mundo.

A obra de Mia Couto permite a investigação da formação cultural híbrida, na busca de identidade, caricaturando seus personagens e criando representações de figuras sociais de um tempo histórico, político e social. Nas obras *Antes de nascer o mundo* e *Pensatempos* analisar-se-á a formação identitária do povo moçambicano e a formação intelectual do autor através de seus textos de opinião.

A partir do conceito de hibridismo na obra *Antes de nascer o mundo* percebe-se que as culturas se entrelaçam à medida que a sociedade mundial se aproxima através de deslocamentos e migrações; e esse entrelaçamento pode dar lugar a algo novo a ser estudado, podendo reconhecer na obra a periferia; um lugar onde o indivíduo busca localizar-se.

Nessa mescla de identidades o indivíduo do século XX e XXI busca seu lugar de pertencimento, pois vive uma situação de transitoriedade geográfica e identitária, e é nesse novo espaço sócio-cultural que esse indivíduo encontrará sua nova identidade e se reconhecerá pertencente ao mundo e não a um único lugar. Surge então, um novo ser individual, com uma visão de mundo macro, aceitando essa nova situação mundial, o trânsito do indivíduo entre culturas e raças, criando novas fronteiras.

Mia Couto em *Pensatempos* rompe com as fronteiras literárias, assim como o

indivíduo do século XX e XXI rompe com as fronteiras culturais e raciais engendrando textos de experiências pessoais e visão de mundo, com textos de ficção literária. O autor passeia pela literatura na produção de suas narrativas, utilizando-se da oralidade e da tradição cultural do povo moçambicano e utilizando-se da língua portuguesa, para escrever o mundo suas histórias e opiniões.

Essa forma peculiar de escrever de Mia Couto nos remete a pensar o autor, baseada na teoria de SAID (2005), como um intelectual público. Aquele que dispõe de autoridade e meios para chegar ao público, debate ideias, defende uma causa e persuade os seus interlocutores. Nessa perspectiva busca-se esboçar essa figura do intelectual público e sua significação na atualidade.

Mais do que esboçar a história do intelectual, argumenta-se sobre a possibilidade de que Mia Couto represente na atualidade o intelectual público, que ora tem o seu olhar crítico no continente africano, ora no oriente médio e em outros continentes, posicionando-se com relação às interferências mundiais sobre povos e nações.

As razões que me levaram a pensar em realizar esta pesquisa estão relacionadas a um mundo contemporâneo globalizado, onde o homem busca respostas para o que está a sua volta, suas crises existenciais e como deve ser a sua conduta diante dos fatos em um mundo globalizado totalizante que enuncia a homogeneidade capitalista.

Contra essa ideia totalitária de império capitalista vem a obra de Mia Couto pensando nas diferenças que nos aproximam, para diferenciarmos o capital e o indivíduo, dissociando o indivíduo da ideia ocidental de constituição social. Permitindo que o indivíduo seja cidadão do mundo.

Essa relação de sujeito e espaço social nas obras *Antes de nascer o mundo* e *Pensatempos* de Mia Couto, trata da busca de identidade configurando um lugar ideológico e da ausência de um lugar de pertencimento, deixando o indivíduo em um espaço periférico. Em determinado momento, parece que até mesmo o autor encontra-se nessa terceira margem, lugar de onde narra às problemáticas do mundo atual. Mesmo que o homem-escritor não coincida com suas personagens, é claro que podemos encontrar “o pensamento” do escritor nos seus textos, sejam eles ficção ou opinião.

Em *Antes de Nascer o Mundo*, busca-se contrapontos e aproximações entre formulações de ideias com os textos de opinião contidos em *Pensatempos* sob o

enfoque de identidades híbridas e o pensamento intelectual, identificando as principais ideias que circulam na escrita de Mia Couto, compreendendo o discurso impregnado na obra de ficção e de opinião, a respeito das identidades culturais e do pensamento intelectual, analisando os contextos e os momentos históricos em que são divulgadas essas ideias, para a compreensão da postura crítica do autor nas relações com os dois gêneros textuais, ficção e opinião.

O estímulo para este trabalho deu-se na leitura da obra de Mia Couto em seus textos de opinião e de ficção, na aproximação de mundos tão distintos e tão similares ao mesmo tempo, entrelaçando ficção e realidade. O trabalho é desenvolvido por meio de leituras de textos teóricos e críticos, além de diversos textos de Mia Couto para conhecimento da obra e do autor e uma leitura mais criteriosa das obras *Antes de nascer o mundo* e *Pensatempos* que são os textos propostos para análise.

Nesta análise observa-se aspectos relevantes para a compreensão da formação identitária do indivíduo e da formação do intelectual público, que ora apresento Mia Couto nessa representação. Um escritor que se distancia de sua terra de sua “origem”, para olhar diversos lugares na contemporaneidade, realizando a travessia do real e do imaginário.

Na construção teórica da dissertação, pensando as identidades, busquei a contribuição de ABDALA JR, CANCLINI e GLISSANT para tratar de crioulização, hibridismo, pensamento mestiço, misturas culturais, comunitarismo e outras concepções de novos processos de formações identitárias no globo terrestre. No estudo da Intelectualidade com GRAMSCI, BOBBIO, SAID e SOWELL, representando a evolução do intelectual e posicionamento sobre a existência do mesmo, nos dias de hoje.

A obra de Mia Couto possui elementos constitutivos para um estudo de identidades e o autor traz algo inquietante em sua escrita que rememora o intelectual público de SAID (2005). Essa inquietude é absorvida e transformada em curiosidade para o estudo de sua obra e de seus rastros de identidades. Mia Couto é esse intelectual que anuncia seu desassossego em *Antes de nascer o mundo* e em *Pensatempos*. Em sua obra o autor trabalha com temáticas variadas que compreendem o mundo globalizado e sua organização social, levando o leitor ao deslocamento sócio-político-econômico e até mesmo cultural, para o ápice da reflexão supra-nacional.

Na leitura de algumas obras literárias do autor, para melhor compreensão do objeto de análise, observa-se que em *Vinte e Zinco* o intelectual que nos fala, trata na ficção literária as mazelas vividas em Moçambique no período colonial; os dilemas vividos pelo povo moçambicano e pelo povo português no pós-independência e o deslocamento de colonizadores e colonizados, que já não encontram o seu lugar de pertencimento.

Autor e narrador entrelaçam realidade e ficção de forma tão engenhosa, que leva ao encantamento e confirma-se a escolha das narrativas de Mia Couto *Antes de nascer o mundo* e *Pensatempos* para a produção dessa dissertação.

A leitura dessa obra de Mia Couto foi um frenesi, então buscou-se um entendimento maior da narrativa e associou-se a narrativa ao texto bíblico da gênese. Observou-se ainda, o resgate de memória e de identidades através das personagens.

Em *Antes de nascer o mundo* a memória foi negada a princípio, mas re-estabelecida na construção da narrativa. A alegoria da gênese da Bíblia Sagrada e as identidades constituídas, instigaram essa vertente analítica com possibilidades ampliadas de análise e contemplação.

O olhar desta pesquisa é voltado para o indivíduo que habita fronteiras, que desliza de uma a outra margem sem, contudo, se fixar em nenhuma, representando os entre-mundos, a terceira margem através das personagens de periferia apresentadas na obra coutiana. Temos nessa perspectiva as personagens de *Antes de nascer o mundo* numa representação simbólica de personagens bíblicas. A personagem portuguesa Marta pode ser relacionada a personagem bíblica Marta, irmã de Lázaro. A Jumenta Jezibela, relacionada à rainha fenícia Jezibela, Zacarias Kalach, ao profeta Zacarias, entre outros que seguem na análise.

A dissertação estrutura-se na construção de capítulos que apresentam uma análise de contexto histórico e cultural de Moçambique e a biografia de Mia Couto. Defendendo a ideia de que o autor exerce o papel de intelectual público, sustentando esse pensamento e o defendendo a partir das obras *Antes de nascer o mundo* e *Pensatempos*.

Apresenta-se a obra *Antes de nascer o mundo* e as análises possíveis pensando-se na estrutura da escrita e nas temáticas visualizadas que são: a gênese de Silvestre Vitalício contrapondo a gênese do cristianismo; o significado dos nomes das personagens em alusão às personagens bíblicas; a análise das epígrafes e as

vozes femininas de Sophia Andresen, Hilda Hilst, Adélia Prado e Alejandra Pizarnik, a estruturação da obra em três livros e as duas vozes narrativas.

Propõe-se um trabalho analítico das personagens femininas presentes na obra *Antes de nascer o mundo*, que são: Dordalma, Marta e a Jumenta Jezibela. Cada uma dessas personagens traz em sua constituição uma representação histórica, social, além das associações através de seus nomes que nos remetem a uma afirmativa feminina na obra, mesmo que a condição da “fêmea” na narrativa seja uma interdição.

As considerações finais apresentam as conclusões da dissertação, baseadas nas análises dos capítulos do texto, enfocando identidades e intelectualidade na obra coutiana e o estudo do autor em defesa de que o mesmo se apresenta na atualidade como um intelectual público.

A importância desta pesquisa está em demonstrar que o pensamento crítico de um autor aparece em todos os seus modos de expressão, sejam eles na forma de literatura ou de expressão de opiniões sobre os problemas do ser humano e do mundo. Com isso, esta pesquisa contribuirá com novas abordagens da literatura e do pensamento contemporâneo, na formulação de novas perspectivas críticas.

CAPÍTULO I – TRADIÇÃO, ORALIDADE E INTELECTUALIDADE NA DOBRAS DA LITERATURA DE MIA COUTO

1.1 Literatura e resistência: Tradição e Oralidade na narrativa poética de Mia Couto

As ilhas são como pessoas: querem existir por si mesmas, mas receiam a lonjura.

(MIA COUTO)

Moçambique no período pós-colonial tomou como grande tarefa a descolonização cultural, através de uma literatura de resistência que tentava resgatar história e tradição, construir um novo pensamento da realidade social, na idealização de uma identidade nacional, que mesmo antes do processo de colonização não existia. A colonização europeia trouxe consigo a ideia de nação, que é uma ideologia ocidental.

A identificação do povo moçambicano e as identidades começam a constituírem-se quando o colonizador português quer impor uma nova cultura a sua colônia, hoje país de Moçambique e em contra partida o povo dominado gera conflitos de resistência. Nesse conflito temos olhares extremados do colonizador e do colonizado e ambos não percebem que desse encontro de povos e raças surge uma nova identidade. Uma identidade da mistura entre portugueses e moçambicanos, uma identidade hibridizada. A luta do povo de Moçambique torna-se de resistência ao almejarem a utopia da descolonização, como se fosse possível apagar da memória de um povo a convivência entre culturas diferentes.

A representação da identidade híbrida na obra de Mia Couto esta focada na convivência forçada, devido ao processo de colonização do país de Moçambique por Portugal, entre portugueses e moçambicanos. E na construção de uma literatura pós-colonial, que nega a influência da cultura portuguesa, tentando resgatar a cultura moçambicana, mas que é feita por um português – Mia Couto – fruto do processo de colonização.

Há algo interdito nessa produção, como se o escritor negasse sua própria condição no país de Moçambique. Vamos além, o escritor fala de um lugar de periferia, pois seu lugar de pertencimento já não acolhe o seu pensamento. Mia

Couto, busca manter a tradição oral na escrita, ficando dividido entre a tradição e a modernidade. É frequente na obra coutiana o uso de dialetos do povo moçambicano e o ato de contar histórias, que vem da oralidade e de grupos locais de Moçambique. Mas encontramos também traços de identidade europeia em suas narrativas. O escritor apresenta a religiosidade do povo moçambicano de forma alegórica e distanciada, como o povo português fez durante a colonização, ao não conseguir impor o catolicismo na colônia.

A literatura moçambicana cresceu a partir da escrita em língua portuguesa, a língua do colonizador que causou e causa ainda hoje, tensões entre oralidade e escrita, o eterno conflito entre a memória e a identidade do povo moçambicano.

Buscamos aqui compreender os elementos que constituem o conceito de identidade cultural, através da teoria de hibridismo, quando Benjamim Abdala Junior na obra *De vãos e ilhas*, afirma que no século XX há um rompimento de fronteiras e passa-se de uma fronteira a múltiplas. Nesse momento não se pensa mais em uma vertente estática, mas sim em várias possibilidades. É um novo olhar na perspectiva do estado nacional sob a influência das corporações supranacionais.

Esse pensamento de laços comunitários e fronteiras múltiplas que renova o conceito de centro e periferia, norteará a construção teórica da análise quanto ao hibridismo e identidades, ou seja, na formação de identidades híbridas nas obras de Mia Couto *Antes de nascer o mundo e Pensatempos*. E esse pensamento nos dará margem à focalização do conceito de intelectual público nos termos defendidos por SAID (2005), para caracterizar posturas e ações pela palavra de Mia Couto.

Para Edward W. Said (2005) o verdadeiro intelectual é um ser secular. E que apesar de muitos intelectuais desejarem que suas representações expressem coisas superiores ou valores absolutos, a conduta ética e os princípios morais começam com sua atividade no nosso mundo secular – onde tais princípios e conduta se realizam. Said defende que o aspecto mais complicado de ser um intelectual é representar o que se professa por meio do trabalho e de intervenções, sem se enrijecer numa instituição ou tornar-se uma espécie de autômato agindo a mando de um sistema ou método.

Retomando a questão das identidades, observa-se que o indivíduo desde tempos primórdios quando o ser humano inicia sua convivência em comunidade, vive entre identidade individual e identidade plural na constituição de uma sociedade

sob o domínio do Estado. E que o estudo de identidades ultrapassa séculos, onde o ato de pensar e se expressar do indivíduo passa por avanços e retrocessos, como na queda do iluminismo e posterior no grande advento da cultura global que foi o renascimento, que como sugere o próprio nome, renasce a identidade individual, versos o Estado constituído.

Com o avanço do pensamento intelectual através das ciências, atingimos nos dias de hoje a quebra de inúmeros paradigmas, entre eles, a concepção de raça, ideologia e cultura “pura”. Surgindo a partir daí um novo pensar, que considera que o mundo vem se crioulizando.

Segundo Edouard Glissant (2005) a crioulização que se dá nas Américas é a mesma que vem acontecendo no mundo inteiro; sob as teorias de hibridismo, de pensamento mestiço, de misturas culturais, entre outras. As quais, também acontecem num local cultural, quando se observa fusões de várias culturas num contexto ideológico, social e histórico, resultando na ressignificação das identidades.

Nessa perspectiva a temática da identidade na literatura moçambicana é marcante, pois aquele país passou pelo processo histórico da colonização tardia até o ano de 1974, quando se deu a queda do governo militar de Salazar em Portugal e a conquista da independência pela revolução libertária moçambicana.

Mia Couto, tomado aqui com fruto desse contexto, destaca-se na construção de narrativas que configuram a identidade, o exílio, a tradição e a oralidade, destacando o país de Moçambique na construção de uma identidade nacional com influências de centro e periferia, além de outras temáticas que fazem parte do dia-a-dia do povo moçambicano.

Sua história é marcada pelo colonialismo, pois é filho de portugueses que foram morar em Moçambique. O escritor revela ser um indivíduo fruto do processo colonial, que carrega uma herança europeia que desconhece como pátria. Luta pela independência e reconstrução de seu país Moçambique e não acredita na descolonização. Mia Couto tem em sua própria origem a negação da descolonização. Seu lugar de pertencimento é Moçambique, não é Portugal.

Não dá para desfazer mestiçagens, sejam elas raciais ou culturais. O ser humano não pode deixar de “ser”. E é com maestria que Mia Couto trabalha, tanto em seus textos *Antes de nascer o mundo* e *Pensatempos*, esse caldeirão cultural de Moçambique, representando um país rural e urbano, onde mesmo no pós-independência o ambiente urbano é dos brancos, dos colonizadores, enquanto o

ambiente rural pertence aos negros, aos colonizados.

Em *Pensatempos* no texto “*A fronteira da cultura*” Mia Couto narra a sua experiência enquanto professor, o quanto o povo moçambicano, em especial seus alunos, não se identificam e não se reconhecem em lugares distintos de seu próprio país, principalmente saindo do ambiente urbano para o ambiente rural que representa o lugar de seus antepassados.

Esse deslocamento se dá a partir do pensamento europeu que foi inculcado nesses jovens, fato que Mia Couto trata com muita preocupação, mesmo que permitindo em seu pensar o surgimento de outras cidadanias, portanto, outras identidades em um mesmo espaço cultural, no caso, em Moçambique. Mas há que se estabelecer um elo entre tradição e modernidade. Para isso constrói a ideia de identidade de seu povo com relatos reais que nos chocam e nos permite avaliar quanto é profunda essa reconstrução identitária face ao advento do colonialismo. Para ele é preciso avaliar as nações que se misturaram nesse processo histórico colonial, e aceitar a mestiçagem, o hibridismo, o comunitarismo entre os povos, deixando para trás a ideia ingênua do purismo e de formas estanques do pensamento:

África não pode ser reduzida a uma entidade simples, fácil de entender. O nosso continente é feito de profunda diversidade e de complexas mestiçagens. Longas e irreversíveis misturas de culturas moldaram um mosaico de diferenças que são um dos mais valiosos patrimônios do nosso continente. Quando mencionamos essas mestiçagens falamos com algum receio, como se o produto híbrido fosse qualquer coisa menos pura. Mas não existe pureza quando se fala da espécie humana. Não há economia actual que não se alicerce em trocas. Pois não há cultura humana que se fundamente em profundas trocas de alma. (COUTO, 2005, p. 19)

O autor Mia Couto em *Pensatempos* expressa o seu pensar sobre formação identitária com propriedade, fala do continente africano a Moçambique, da diversidade cultural do seu país. Explora culturas e dialetos linguísticos de seu povo e a interferência de fora – Portugal – na cultura e na raça. Refuta o conceito de purismo da cultura ocidental e nos revela uma nova humanidade. Nos remete ao pensamento do processo de colonização de África, local onde se observa que o sistema escravocrata implantado teve respaldo do próprio povo africano, ou melhor, de suas elites que subjugarão sua raça, seu povo e suas origens, a essa

vergonhosa condição de trabalho em outros continentes.

Esse episódio foi nominado como o trabalho da mão de fora (europeus), ajudados pela mão de dentro (africanos), que pela ganância mercantil sucumbiram uma nação. Digo sucumbiram, pois como Mia Couto, eu também não acredito na descolonização. Moçambique se reinventa entre moçambicanos, portugueses e mestiços, formando uma nação, uma única raça. Então hoje, temos um país reconstruído, mestiço, híbrido. Esse país juntou e ainda hoje junta fragmentos de sua história de antes de ser colônia e do pós-colônia, em um eterno reconstruir-se.

A reconstrução do continente africano remontando “passado”, “presente” e “futuro” foi e ainda hoje é uma reconstrução política, cultural, mas acima de tudo identitária; reconstrução que ocorreu de forma distinta em cada país. A obra de Mia Couto contém elementos históricos e políticos que expressam uma realidade plural e complexa de Moçambique, uma ideologia de vivências e experiências, pois participou como militante da Frente de Libertação de Moçambique, que representou a luta pela independência entre 1964 e 1974.

Nas obras *Antes de nascer o mundo* e *Pensatempos* o autor problematiza o indivíduo que se adapta ao sistema hierárquico de dominação, que resiste a ele ou que exerce o poder de repressão. Indivíduo que desde o início de sua existência busca afirmação de identidade, ou sua identificação num contexto de pluralidade, tanto no aspecto social, quanto cultural. Observa-se então, que as identidades culturais formam-se e mesclam-se com os movimentos migratórios durante o processo histórico de sua constituição.

Essa busca de identidade do indivíduo é particular e solitária, mas ao mesmo tempo coletiva, quando se trata de uma visão humanitária, no idealismo de uma sociedade mais civilizada, que pensa sobre a existência humana num contexto coletivo. Ideias de supra-nacionalidade neste novo contexto social, a partir de uma nova formação social que é híbrida.

Os movimentos ideológicos são permeados por um processo evolutivo, que o Estado em determinado momento histórico, buscou homogeneizar toda a tentativa de identidade cultural disseminada pelos movimentos sociais, pregando assim uma possibilidade de pureza, de superioridade na concepção marxista de Estado, quando o modelo era europeu, por ser ali o berço das civilizações.

No modernismo a sociedade mundial estava em pleno desenvolvimento no processo de migração, o indivíduo tinha uma necessidade constante de movimento,

do ir-e-vir, mas este não se deixa rotular pelo Estado, tampouco aceita a concepção eurocêntrica como forma legítima de identidade. Surgem novas formas de pensamento e novos teóricos que buscam explicar esse contexto mundial.

Do rompimento com essa ideologia européia surge o movimento pós-colonial que quebra essa hegemonia do pensamento ocidental, com diversas ideologias estruturantes, quando o hibridismo cultural associa-se ao processo de deslocamento do indivíduo contrapondo ideias pré-fixadas de hegemonia dos povos. Mas a proposta crítica do rompimento de fronteiras e de um pensamento ocidental, o indivíduo vê-se livre num movimento migratório seja físico ou intelectual, possibilitando novos deslocamentos numa visão de mundo mais ampla com a complexidade de culturas e povos num processo de constante mudança.

Segundo Edward Wadie Said (1995) na obra *Cultura e Imperialismo*, ninguém é uma coisa só, rótulos não passam de pontos de partida que logo ficam para trás. E o que realmente interessa é a capacidade do indivíduo de interagir em seu meio social, desenvolvendo novas habilidades de caráter intelectual e social.

Vejo a partir desse pensamento de Said a desconstrução do purismo arraigado em nosso ideal imaginário de origem ocidental, purismo, que veio de uma ideologia ingênua de origem, fugindo ao histórico de evolução dos povos que se hibridizaram através de lutas e conquistas, sejam elas territoriais ou ideológicas, na formação de todos os povos que habitam o globo terrestre. E cada comunidade que se formou em um dado momento, criou características e costumes que se consolidaram como únicos e puros daquele lugar, quando se formou uma nova identidade. Fato que não os legitima como “puros”, mas sim, como a formação de uma nova identidade cultural a partir de um acontecimento, que transformou uma ideia ou uma sociedade já heterogênea.

O colonizador europeu procurou exterminar os valores culturais e sociais do colonizado, seja através da religião ou do código linguístico, mas pouco a pouco, até mesmo esses elementos perderam o seu suposto estado de pureza e hibridizaram-se; foi quando a cultura ocidental no processo de colonização perdeu seu conceito de superioridade cultural, desconstruindo a proposta do imperialismo cultural.

A partir dessa nova forma de viver do indivíduo, que se desloca de região, de continente e passa a representar esse trânsito que quebrou paradigmas e levou a essa nova linha de pensamento – do indivíduo em movimento – rompeu-se os rótulos identitários presentes em nossa historicidade mundial.

O indivíduo híbrido, até o século XX, foi marginalizado, excluído; vivendo em contextos periféricos por não atender aos padrões convencionais, pois o Estado massacrava essa minoria e buscava a hegemonia dos povos no viés do imperialismo ocidental. Benjamin Abdala Junior afirma que:

Hibridismo, ao contrário do que pensaria um liberal, não significa ausência de tensões entre constituintes heterogêneos – um campo conveniente para a imposição da lei do mais forte, mascarado de competência tecnológica. Pressupõe, ao contrário, a possibilidade de se desenvolver práxis mais ativas, criativas e livres, sem preconceitos, já que todos não deixamos de ser híbridos ou mestiços. (ABDALA, 2004, p.19)

O escritor Mia Couto, bem como suas personagens em *Antes de nascer o mundo* e *Pensatempos* são frutos desse processo de hibridização, na perspectiva da colonização de Moçambique pelos portugueses, quando ocorreu a troca de experiências e a imposição de um novo Estado para o povo moçambicano.

No período colonial de Moçambique a influência da cultura européia sobre o país foi devastadora, salvo situações de resistência. Todavia a cultura de um povo não pode ser substituída, tanto que na pós-independência os rastros de influências culturais ficaram como herança para Moçambique e Portugal.

Seguindo o pensamento de Benjamin Abdala Junior (2002) Moçambique se reinventou nas dobras da língua (oficial) portuguesa, reconstruindo sua história, o seu jeito de falar, juntando a essa língua tão estranha do colonizador o seu dialeto local, fazendo dessa nova forma de falar em Moçambique um jeito de gritar ao mundo o que foi a interferência européia no país. E como foi importante nesse momento poder contar com a frátria brasileira, a irmã mais velha que na sua maturidade pós-colonial, pode dar suporte intelectual a um povo tão guerreiro.

Nessa nova percepção de mundo as fronteiras linguísticas e culturais foram rompidas, dando espaço a laços comunitários entre países de língua portuguesa, bem como, países que têm suas origens pautadas pelo processo de colonização exploradora, levando-nos a fronteiras múltiplas num pensamento supranacional.

Essa busca de identidade e de origem leva o indivíduo a um deslocamento do “eu”, colocando-o em uma terceira margem que o aproxima do que possa vir a ser, onde o pensamento é nômade; afirma-se a origem a partir do nascimento e o estado nômade em pensamento, por o indivíduo não estar plantado num determinado

espaço.

Não é necessário o deslocamento físico para haver o deslocamento do pensamento. Não importa mais de onde somos e sim para onde vamos, pois o mal estar da modernidade é a necessidade de deslocamento. Benjamin Abdala Junior afirma que:

Nestes inícios do século XXI, onde não apenas a intelectualidade mas o conjunto da população trabalhadora circula por vários países, radicando-se nas periferias dos grandes centros da globalização neoliberal, essa perspectiva multidentitária não deixa de ser relevante, colocando-se como extensiva a essa população nômade (e a intelectualidade) a maneira de sentir a realidade similar à de Joaquim Nabuco: o sentimento de que falta alguma coisa, só capaz de ser preenchido, eliminando-se essa sensação de ausência, se o indivíduo (o brasileiro culto) se colocar como cidadão de vários países (pelo menos de dois). Mais, e isto nos parece importante: essa perspectiva de fronteiras múltiplas (o homem dividido ou integralizado em pelo menos duas fronteiras), onde ele se desenraíza de sua terra de origem sem se enraizar na terra de origem dos outros, coexistindo com grupos sociais migrantes de outras culturas, pode constituir um hábito crítico. Através desses contatos e ausências, próprios de uma população nômade, em constante circulação e deslocamento, a identidade afirma-se ainda mais como um constante vir-a-ser, sem um porto de chegada. (ABDALA, 2003, p. 83)

Nesse constante reconstruir-se o cidadão do mundo deixa de ter um lugar de pertencimento, o seu olhar vai além das fronteiras geográficas e culturais. E mesmo que viva a margem de uma sociedade, na periferia, sua identidade cultural esta pautada em mais de uma cultura. A sua formação consolida-se no pensamento supranacional.

Pensando num diálogo de culturas entre Brasil e África com a influência de seu país colonizador – Portugal – esses países encontram-se culturalmente em situações de singularidade na linguagem, na história e na cultura, que leva a uma discussão do rompimento de fronteiras culturais, através da teoria do pós-colonialismo, onde Brasil e África dialogam frente ao acontecimento da colonização e da formação cultural dos colonizados.

Segundo Boaventura de Souza Santos os filósofos Descartes e Rousseau tiveram suas teorias fragilizadas diante da realidade crucial do século XV e XVI, quando se descontextualizou a ideologia de identidade construída no embate com o Estado constituído, período histórico em que o estado em diferentes lugares, tentou

aniquilar a teoria da subjetividade e da identidade:

É o fim do Iluminismo mouro e judaico sem o qual, ironicamente, a Renascença não seria possível. Com base na linguagem abstracta e manipulável da fé e nos não menos manipuláveis critérios de limpeza de sangue, é declarada uma guerra total aos grandes criadores culturais da península, os quais, no caso específico dos mouros, tinham sido parte integrante de uma ordem política em que durante séculos puderam conviver, em espírito de tolerância, cristãos, judeus e mouros, e de uma ordem religiosa, o Islão, que na sua fase inicial tinha recebido importantes influências das grandes civilizações africanas do vale do Nilo, da Etiópia, da Núbia e do Egipto. Este riquíssimo processo histórico de contextualização e de recontextualização de identidades culturais é interrompido violentamente por um acto de pilhagem política e religiosa que impõe uma ordem que, por se arrogar o monopólio regulador das consciências e das práticas, dispensa a intervenção transformadora dos contextos, da negociação e do diálogo. Assim se instaura uma nova era de fanatismo, de racismo, e de centro centrismo. (SANTOS, 1999, p. 138-139)

Foi necessário algumas décadas para que o pensamento da origem e da identidade se firma-se enquanto concepção de indivíduo, tornando assim cada um responsável pela sua formação sócio-cultural a partir de experiências pessoais e particulares, tornando o indivíduo ainda mais uno e responsável por sua formação identitária.

A evolução dos povos e sua organização social nos transportam a uma nova concepção de identidade nos dias de hoje, agregando a história de cada nação, as interferências e influências culturais de outros povos e a existência desse cidadão nômade que não encontra no mundo seu lugar de pertencimento, pois o ir e vir faz parte de sua existência física e psicológica.

Esse deslocamento do indivíduo dá-se também na linguagem, na releitura dos críticos e literários pós-colonialistas e mesmo nas primeiras manifestações culturais já produzidas na América Latina; pois vêm do discurso do “eu” implícito no discurso do “outro”, da resistência aos modelos europeus e da produção cultural de um povo colonizado, imbricando traços e rastros de culturas que estiveram envolvidas no processo colonizador.

O pós-colonialismo engendra um terceiro espaço, que não é o espaço do colonizador nem o do colonizado, mas um espaço que articula-se entre o “eu” e o “outro”, o colonizado e o colonizador, a unidade e pluralidade, o purismo e hibridismo; num espaço cultural que se renova e é de onde fala o intelectual nos dias

de hoje.

A ideologia de rompimento de fronteiras leva-nos a percepção de uma nova realidade social, no contexto de centro e periferia na construção do conhecimento intelectual, margeando o “eu” e o “outro” dentro de um espaço de diálogo sem que uma ideologia tradicional de eurocentrismo prevaleça. Permitindo então, que o “eu” se perceba enquanto lugar ideológico de centro ou periferia, dialogando com o “outro”.

Esse é o diálogo que defendemos na obra coutiana, quando Mia Couto intervém na atualidade com suas obras *Antes de nascer o mundo* e *Pensatempos*, configurando os conflitos vividos pelo povo moçambicano, em um diálogo do moderno e do tradicional, do presente e do passado, do período colonial e do pós-colonial.

1.2 Nos entre-mundos de Mia Couto: Uma visão cosmopolita de África/Moçambique.

A Literatura de Mia Couto é o entrelaçamento de ficção e realidade, e cria as condições de vida em seu país. No uso de sua escrita Mia Couto consegue expressar e emocionar o mundo para que voltem seus olhares para Moçambique. Sua obra elenca elementos de tradição e oralidade no resgate e na reafirmação cultural de seu povo.

Suas narrativas possuem estrutura cíclica, pois as personagens têm comportamento de circularidade, quando o ir e vir é constante e em determinado momento a volta as origens é reversível, pois exprime a possibilidade do retorno.

Mia Couto tem a valorização da escrita como uma premissa “*o que um escritor nos dá não são livros. O que ele nos dá, por via da escrita, é um mundo.*” (COUTO, 2005, p. 110). No entanto, a oralidade de um povo há que ser respeitada, pois é nela que se constitui a origem e a cultura genuína.

Em Moçambique temos um mundo permeado por oralidade e escrita, leitura de mundo e leitura da palavra, como teoriza Paulo Freire (1985). E Mia Couto em suas narrativas passeia entre a oralidade e a escrita numa produção literária singular. Brinca com as palavras, escreve textos marcados pela oralidade, utiliza em sua escrita figuras de linguagem, desvios da norma culta e neologismos.

A obra *Antes de nascer o mundo* e *Pensatempos* se aproximam na busca de

justiça social do povo moçambicano. Os seus relatos nos reportam às temáticas de colonialismo, de pós-colonialismo e do processo de independência de Moçambique e como se imbricam esses acontecimentos na realidade e na ficção.

Mia Couto tem afeição na sua escrita por representar alma humana, remetendo o indivíduo a se perceber enquanto raça, sociedade, economia e cultura, que resulta na formação de um caldeirão cultural de hibridismo, mestiçagem e criouliização. Ou seja, na concepção de uma nova proposta global de comunitarismo entre os povos e culturas, quando o diferente advém da diversidade, de encontros entre povos e raças, colocando o indivíduo, o cidadão do mundo em situação de transitoriedade, seja entre culturas ou nações.

No romance *Vinte e Zinco* (1999) a crítica social e política de Mia Couto é latente através da personagem Andaré Tchuisco, um jovem que perdeu a visão na mão de seu opressor, por enxergar o que não devia na cadeia da PIDE. Uma prisão que envolve brancos e negros, e recria no romance o desassossego das almas às vésperas do “25 de Abril”, data que tem grande representação sócio-política para o povo moçambicano, para o povo português e para o povo já hibridizado pelo processo de colonização em Moçambique.

Andaré pintava e repintava apenas as paredes da prisão. As gentes de duvidavam: como alcançava esse moço pintar, ele que não via nem nariz nem palmo. Na verdade, Tchuisco conhecia a prisão de cor e salteado. (COUTO, 1999, p. 19)

(...)

O moço, nessa altura, não era cego. Fora contratado como pintor. Joaquim de Castro tinha essa obsessão: as paredes brancas deveriam permanecer assim, alvas e puras, sem vestígio de sangue. O chão da prisão tinha sido encerado de vermelho. Justo para que não se detectasse o sangue dos torturados. No chão, sim. Nas paredes nunca. De onde vinha esse medo de as paredes revelarem as vermelhas nódoas? Quem sabe o sangue é mais vivo que o próprio corpo? (COUTO, 1999, p. 21)

Os precursores desse processo transformador, através de guerras que contribuíram com a destruição de Moçambique, ao conquistarem um novo espaço sócio-político, não encontrariam mais o seu lugar de pertencimento, como tia Irene que era portuguesa, mas lutava pela independência daquele país, usando da condição de branca em benefício das lutas libertárias moçambicanas.

A personagem Irene num gesto corporal busca o exílio e o despatriamento português. Integra-se no universo cultural moçambicano e sua atitude é interpretada

como loucura:

Irene, em desafio, desabotoa a saia. A roupa lhe tomba, em suspiros, a seus pés. Depois de um puxão ela faz soltar os botões da blusa. Assim, a vasta nudez se antepõe perante o sobrinho. O homem reage com disparada violência. Arranca-lhe das mãos o frasco e arremessa-o de encontro ao chão. (COUTO, 1999, p. 30)

A atitude de Irene nos revela uma retomada de consciência, a personagem demonstra lucidez ao não comungar da ideia de colonização europeia. Vê com tristeza e horror as atrocidades cometidas pelo sobrinho. E o ato de tirar a roupa e ficar nua, nos remete ao renascer do “eu”. Irene despe-se da cultura europeia, renasce para o mundo em Moçambique.

A violência, o medo e situações de perdas são recorrentes na obra coutiana. Em *Vinte e Zinco* o personagem cego –Andaré Tchuisco - cujo trabalho é lavar o sangue das paredes da prisão, nos remete à metáfora de violência e opressão. Essa obra tem como fio condutor o colonialismo português, as relações entre branco e negro, opressor e oprimido, colonizador e colonizado, a relação do literário e do extra-literário, rerepresentando o momento histórico da guerra colonial e da guerra civil.

A narrativa *A confissão da Leoa* registra traços de ficção e de realidade na representação do povo ancestral, da herança colonial e de momentos recentes vividos pelo povo moçambicano na voz do escritor Mia Couto. A obra relata o ataque de leões a uma pequena comunidade no norte de Moçambique.

Nessa narrativa como em outras, Mia Couto trata a condição humana, a que mundo esse indivíduo pertence, sua identidade social e as marcas da colonização e das guerras. Outro traço marcante em *A confissão da leoa* é a cultura local e o misticismo religioso transfigurado nas personagens mulheres, mostrando que o colonialismo não arrancou do povo moçambicano as suas origens.

O autor relata sua experiência como biólogo e o ataque de leões no norte de Moçambique no ano de 2008, situação assustadora pela quantidade de ataques em poucos dias. Revela que suas personagens foram baseadas em pessoas reais. Os relatos da personagem Mariamar trazem os acontecimentos numa perspectiva local, na ambiência das tradições, religiosidades, costumes e memórias. Os relatos de

Baleiro, nos revela o olhar do estrangeiro, o olhar urbano, todavia com marcas da colonização e das guerras.

A personagem Mariamar traz consigo as marcas da colonização e também as da sociedade moçambicana, na representação da violação do corpo feminino e de sua alma; e é através da escrita da personagem-narradora, que as cicatrizes desse momento social são anunciadas:

O silêncio se reinstalou no quarto. Eu e a mãe sentámo-nos no chão como se fosse o último lugar no mundo. Toquei o seu ombro num esboçado gesto de conforto. Ela desviou-se. Num instante, estava refeita a ordem do universo: nós, mulheres, no chão; o nosso pai passeando-se dentro e fora da cozinha, a exibir posse da casa inteira. De novo nos regíamos por essas leis que nem Deus ensina nem o Homem explica. (COUTO, 2012, p. 26)

Mia Couto (2012) denuncia os ultrajes contra a mulher e contra uma nação, na transformação do indivíduo, que se encontra na fronteira do humano e do animal. O confronto com os leões coloca as personagens em um enfrentamento com elas mesmas. O episódio expõe as contradições da comunidade moçambicana, suas relações de poder e a força do povo, que por vezes se apresenta libertadora, por vezes opressiva em suas tradições e mitos.

O romance *Antes de nascer o mundo* narra a história de cinco homens que deixam a cidade para viver em lugar distante. É rico em críticas sociais e políticas, trazendo embutido o discurso do colonizado e do colonizador. A questão racial também não escapa a obra, tampouco os temas recorrentes na literatura coutiana como: identidade, exílio e intelectualidade.

Numa vertente analítica sobre o pilar da teoria de Benjamin Abdala Junior (2002) as identidades construídas nas obras de Mia Couto baseiam-se em fronteiras múltiplas, toda a identidade apresentada está alicerçada em mais de uma cultura, em mais de uma nação. Nas obras apresentadas para análise temos a cultura moçambicana e a cultura portuguesa. Uma não sobrepõe a outra, mas sim, se entrelaçam numa constituição identitária híbrida.

Antes de nascer o mundo apresenta dois narradores personagens, como em *A confissão da leoa*. As duas obras apresentam uma voz masculina e uma voz feminina que se intercalam em capítulos. Todavia as vozes presentes nas obras literárias tratam um mesmo mote, a morte. No romance que se pretende analisar o

conflito da guerra civil é latente e a relação entre colonizador e colonizado se faz presente através da personagem-narradora Dona Marta, que é uma portuguesa em visita a Moçambique.

Mia Couto escreve o romance a partir da perda da identidade, da construção de novas identidades e da busca de um lugar de pertencimento. Apresenta o deslocamento do indivíduo e a situação de trânsito entre o individual e o coletivo. A preocupação do autor pela condição do povo moçambicano nos é apresentada, na sua voz de intelectual da modernidade.

Na obra *Pensatempos*, no primeiro capítulo intitulado “*A fronteira da cultura*” o escritor trabalha com a temática da violência e da opressão, a partir de um olhar crítico a sua nação quando a “mão de dentro” em Moçambique é violenta e opressora com os mais fracos:

O colonialismo não morreu com as independências. Mudou de turno e de executores. O actual colonialismo dispensa colonos e tornou-se indígenas nos nossos territórios. Não só se naturalizou como passou a ser co-gerido numa parceria entre ex-colonizadores e ex-colonizados. (COUTO, 2005, p. 11)

- Pois eu, disse Honória, não sou uma descendente de escravos. Nem eu nem o autor do hino. Somos, sim, descendentes de vendedores de escravos. Meus bisavós enriqueceram vendendo escravos. (COUTO, 2005, p. 13)

Essa visão crítica aguçada do escritor é que o eleva a um patamar superior em suas análises e o destaca enquanto intelectual de seu tempo, pois consegue afastar-se de seu lugar de pertencimento e observar os problemas locais de um outro lugar ideológico. Mia Couto apresenta em sua obra as mudanças sócio-culturais e o que elas implicam nas identidades constituídas pós processo colonizador europeu.

As identidades híbridas tornaram-se perceptíveis com o movimento pós-colonialista, quando o híbrido nomeia essa formação mista de origem heterogênea, e passa a ser focado nos estudos culturais do século XX. São frequentes os deslocamentos e migrações dos indivíduos que se concentram em grandes metrópoles e megalópoles, oriundos de diversos lugares do mundo, fazendo o contraponto com a utopia ocidental de identidade “pura”, haja vista, que somos indivíduos de origens já hibridizadas, segundo Said:

O fato é que estamos todos misturados de uma maneira jamais imaginada pela grande maioria dos sistemas educacionais nacionais. Associar o conhecimento nas artes e ciências a essas realidades integradoras constitui, a meu ver, o desafio intelectual e cultural do momento. (SAID, 1995, p. 405)

As identidades híbridas formam-se de pensamentos, de subjetividades e de fragmentos de identidades que são desconstruídas pelo estado, que dissemina formas comunitárias de convivência – bandos, tribos. Enquanto o estado pensava formar identidades influenciadas pela elite europeia, as sociedades formavam-se de identidades fragmentadas, com traços identitários do colonizado e de seus ancestrais.

As personagens das obras *Antes de nascer o mundo* e *Pensatempos* de Mia Couto nos remetem sempre ao pensamento de terceira margem, de misturas e mesclas identitárias que aconteceram em Moçambique, e que esse sujeito de periferia exerceu grande influência na formação identitária do pós-colonialismo. É um diálogo cultural entre o individual e o coletivo que se entrelaçam em semelhanças e dessemelhanças, nos remetendo a outra perspectiva literária.

O emprestar a outras culturas por aproximação de textos, organização social e cultural nos apresenta o comunitarismo entre povos de origens diversas; falamos aqui especificamente, dos países de língua portuguesa, América do Sul e África, Brasil e Moçambique, na vertente de colonizador e colonizado. Uma relação envolta a empréstimos e apropriações culturais.

Esse diálogo cultural que se estabelece entre os países de língua portuguesa transforma uma sociedade mundial e consolida o empréstimo entre culturas. Abdala Junior em sua obra *De Vóos e Ilhas* reafirma esse pensamento de comunitarismo entre Brasil e África.

Um olhar simétrico ocorreu com os escritores africanos dos países de língua (oficial) portuguesa. Ao reimaginarem suas nações – um projeto político e cultural – encontraram em nossa literatura uma maneira de ser em que eles próprios se viam. Isto é, descobriam as marcas da criouldade cultural que nos envolvem e o descentramento de óptica que interessava aos seus projetos político-culturais. Ao buscarem a identificação simbólica com a Mãtria (a “Mãe-África”, profanada pelo colonialismo), dão as costas à simbolização da Pátria (o poder paternal colonial), encontrando algumas de suas marcas na Frátria brasileira. (ABDALA, 2003, p. 68).

Esse processo de solidariedade dá-se na literatura, quando o Brasil empresta aos escritores moçambicanos um pouco da nossa literatura, pois enquanto o Brasil pós-independência tinha como referência literária a produção europeia, em específico a literatura de Portugal – que segundo Antonio Cândido só na escola literária modernista começamos a produzir uma literatura própria – em Moçambique a busca de identidade deu-se no diálogo entre Moçambique, Brasil e Portugal.

O povo moçambicano, em especial os seus pensadores, se apropriaram da língua do colonizador, a (oficial) portuguesa buscando conhecê-la e dominá-la, transformando esse veículo de dominação colonial em veículo de libertação, quando intelectuais moçambicanos remeteram ao mundo as mazelas de seu povo, através de textos literários e não-literários em língua portuguesa. Todavia a singularidade desse povo se faz presente nessa escrita, aculturando a língua portuguesa de Moçambique, criando uma identidade singular nacional.

Para Inocência Mata (2007) a questão da língua (oficial) portuguesa é um grande divisor de águas em um continente tão rico em dialetos. Os países ex-colônias de Portugal adotam a língua portuguesa como oficial, para ser mediadora na comunicação com o mundo globalizado, todavia não abre mão de dialetos do povo nativo, espaço em que suas narrativas originariamente mantêm-se em dialetos locais.

O resgate da oralidade é latente na escrita de Mia Couto. A valorização dos dialetos moçambicanos e o registro da oralidade são uma constante nas narrativas coutianas. Enfatiza a importância da escrita através de suas personagens, mas os dialetos locais e a religiosidade do povo moçambicano é recorrente em sua produção literária. Inocência Mata explica através da obra de Luandino Vieira que o poeta se utiliza de termos de oralidade como via de resistência a opressão. Mia Couto cria uma forma de escrita valorizando a cultura do continente africano, em especial de Moçambique. E esse estilo de escrita pode ser uma releitura de Guimarães Rosa ou não, mas o que realmente importa, é que num mesmo estilo literário Mia Couto e Guimarães Rosa transformam suas produções em literaturas nacionais, onde cantam sua terra e seu povo.

Uma sociedade – e falo de Portugal como metonímia da sociedade global – em que conhecimento do outro, quando o outro é africano,

se resume mormente a catástrofes naturais e sociais, conflitos políticos e bélicos, fome e miséria, atrocidades de toda a ordem, para além das imagens que lhe são coladas por preconceitos que a comunicação social dispõe a ampliar e perpetuar e as sociedades em causa assimilam, tem que pressupor uma perspectiva transdisciplinar que atravesse horizontalmente os textos na sua arqueologia contextual para chegar às potencialidades significativas, à luz da lógica e dos condicionalismos da história através da urdidura textual. Um dos caminhos dessa transdisciplinaridade pode passar pela exploração do conhecimento passivo de outras áreas do saber sobre o homem, como a literatura, a história, a sociologia ou a geografia. (MATA, 2007, p. 91)

A língua (oficial) portuguesa no continente africano remete seu povo à reinvenção de cada país pós-independência, através do domínio da língua do colonizador, quando os intelectuais contam suas histórias e estórias através de seus textos. Mia Couto de forma destemida aponta os percalços enfrentados pelos povos do século XXI, seus medos e fantasmas. A incompreensão dessa nova vertente do pensar comunitário, num tempo de globalização sócio-político-econômico e cultural; todavia respeitando o indivíduo, a identidade construída, ou em construção.

Parece que até mesmo o autor encontra-se em terceira margem, lugar de onde narra seus textos de opinião sobre as problemáticas do mundo atual. Mesmo que o homem-escritor não coincida com as personagens que vivem nos seus textos, é claro que podemos encontrar “o pensamento” do escritor nos textos.

O autor faz inúmeras intervenções que nos remetem a reflexão do intelectual que nos fala, bem como das personagens intelectuais em sua obra. A intelectualidade é uma constante no fazer literário de Mia Couto, ora aparece o escritor como intelectual com reflexões de seu tempo e de sua nação; ora está presente a personagem intelectual na concepção existencialista e nacional. É um intenso cantar à pátria moçambicana.

1.3 Mia Couto, cidadão cosmopolita, um intelectual público.

Pensando a intelectualidade na literatura, propomos aqui estudar alguns pensadores, suas concepções de intelectualidade e o papel do intelectual na sociedade. Nos reportaremos a Gramsci (1982), Bobbio (1997), Said (2005) e Sowell (2011) em suas teorias sobre o papel do intelectual na sociedade e a relação do

intelectual com a sociedade e o poder constituído.

Gramsci reflete sobre a formação dos intelectuais como um grupo social autônomo e independente, ou não, mas considerando formações técnicas, tanto no sistema feudal, quanto no período da indústria. Acredita que todo ser humano pode ser um intelectual, pois somos capazes de formular conceitos e produzir pensamentos, todavia nem todos os homens desempenham a função de intelectual em uma sociedade.

Não existe atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o *homo faber* do *homo sapiens*. Em suma, todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um “filósofo”, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar. (GRAMSCI, 1982, p. 7-8).

Esse pensamento intelectual nos é nato, compõe as faculdades mentais do indivíduo. Já a teoria de Gramsci parece um pensamento de senso comum na atualidade. A formação intelectual dos séculos XX e XXI vai muito além desse conceito. Todavia a estruturação do pensamento intelectual desse século se baseia nos estudos da evolução do pensamento e nas ações de grupos intelectuais nesse processo histórico.

Segundo Gramsci existem duas formas de intelectuais que se apresentam socialmente, os que representam os interesses das classes que detém o poder econômico e os possuidores das prerrogativas econômicas. Afirma que os intelectuais pertencem a diversos segmentos sociais, os quais, representam em suas intervenções apontando que historicamente esses grupos se dividem em categorias e movimentos sociais.

A sociedade é movida por uma necessidade essencial, a de produção econômica, e o grupo social que detém as prerrogativas econômicas tornam-se possuidoras do poder político e militar e de sua representação intelectual. Já a classe dos intelectuais eclesiásticos, que durante muito tempo exerceram grande influência em todas as camadas sociais, determina os rumos das políticas sociais e econômicas. Gramsci parte do princípio de que a atividade humana do pensamento é igual a todos e que de acordo com o tempo em que o indivíduo vive, desenvolve habilidades compatíveis às suas necessidades e de seu momento sócio-político. Os

intelectuais se propõem como uma classe social distinta, contudo convivem com os detentores do poder econômico em sociedade e com as formas apuradas de dominação.

Há que se pensar na evolução desse intelectual e no seu amadurecimento histórico, acredito que é possível conciliar ideologia de um segmento e ideologia do intelectual enquanto indivíduo. O que traz essa disputa e o contraponto do pensamento é justamente a disputa de poder na constituição do Estado.

Um divisor no estudo da intelectualidade foi por muito tempo o uso do latim clássico - que somente o clero tinha acesso, o latim médio – que atendia à classe dominante e o latim vulgar – que era entendido pela classe operária. Todavia aos poucos, os intelectuais de cada período histórico, foram se libertando desses pré-conceitos e as classes sociais foram dialogando entre si.

A formação intelectual do indivíduo foi pensada por muito tempo de forma classificatória para que se pudesse compreender essa ação. Os intelectuais foram nominados de urbanos os que cresceram com a indústria e rurais, os tradicionais. Cada intelectual que realizou descobertas e novas formas de pensamento agiu de acordo com suas particularidades e em seu período histórico, contribuindo com o desenvolvimento do pensamento de sua época. Pensamentos que podem em determinado momento ter defendido os ideários da classe dominante.

Os movimentos sócio-político-culturais no passar de anos e séculos, diminuíram o distanciamento entre elite e proletariado, até que o movimento humanista rompeu definitivamente com pré-conceitos estabelecidos quanto ao reconhecimento de um intelectual, podendo surgir em classes sociais menos abastadas.

Nesse período temos uma nova geração burguesa que não concebe o afastamento das classes sociais, quanto à cultura e ideologia operária. Gramsci defende que o ocorrido é apenas os jovens burgueses deixando de serem comandados pelos “velhos burgueses” para serem comandados pelos “velhos operários”.

Acredito que não se estabeleceu uma hegemonia intelectual em nenhum período histórico e econômico, cada posicionamento teórico em seu devido tempo histórico, compõe o processo da evolução humana, quando os intelectuais em seu contexto social, propuseram o que se conseguia pensar. Observemos que as ponderações de Gramsci já nos soam como voz e pré-conceitos de seu tempo. Em

todos os segmentos e categorias temos grupos a serviço das classes dominantes, e grupos que vão além, levando a sociedade vigente a reflexões mais profundas sobre vida em sociedade.

O estudo sobre os intelectuais segue desdobramentos históricos que nos remetem a várias reflexões, tendo em vista, a complexidade do assunto, bem como, o intelectual que aborda o assunto. Mas é curioso que os pensadores que abordam a intelectualidade e o poder, deixam sempre dúvidas do comportamento do intelectual frente ao poder e a política.

Norberto Bobbio, no livro *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens na sociedade contemporânea (1997)*, cita que:

(...) os intelectuais sempre existiram, pois sempre existiu em todas as sociedades, ao lado do poder econômico e do poder político, o poder ideológico, que se exerce não sobre os corpos como o poder político, jamais separado do poder militar, não sobre a posse de bens materiais, dos quais se necessita para viver e sobreviver, como o poder econômico, mas sobre as mentes pela produção e transmissão de ideias, de símbolos, de visões de mundo, de ensinamentos práticos mediante o uso da palavra. (BOBBIO, 1997, p.11).

O poder da palavra e a vontade de defender uma ideia perante um contexto de coletividade, a manifestação do pensamento vai além do imperialismo capitalista, o intelectual há que ser entendido como o indivíduo que contribui com a humanidade em um determinado período, através de sua capacidade de intervir nas decisões de cunho coletivo, independente se esse pensar atende as necessidades do Estado constituído ou o contraria.

A concepção do que seja intelectual desenvolvida por Bobbio nos remete ao campo das ideias, à reflexão de vários intelectuais que foram nominados durante séculos na busca de uma definição, ou de um parâmetro explicativo para o papel do intelectual na sociedade. Essa classe social como vamos chamar aqui, passou por diversas experiências de pertencimento social, ora revolucionário ora engajado. Intelectuais que estiveram no poder, que exerceram influência sobre o poder estando fora dele. Que foram contra o poder constituído independente de qual posicionamento se tomasse.

Esse lugar de pertencimento do intelectual é algo que incomoda até os dias atuais, há sempre uma dúvida quanto à ideologia, se esta pertence ao intelectual ou

ao poder constituído, travando-se uma luta constante contra um poder instituído que ora é exercido por um grupo social, ora por outro. A luta não é contra pessoas, mas contra a ideia de poder, contra a corrupção de valores, em defesa do ideário de liberdade do pensamento. Uma liberdade que está associada às ações dos intelectuais de cada período histórico.

Lembremo-nos que, o que nos parece corrupção de valores, para outro pode representar convicção ideológica. O poder ideológico e o poder político podem caminhar em uma mesma direção, junto às sociedades pluralistas, que alimentam o intelectual moderno.

A cada passo dado na construção de teorias e conceitos sobre o papel do intelectual na sociedade, observamos que não há um consenso, todavia estamos sempre retomando algo que já foi pensado, como Bobbio (1997) ao rememorar o pensamento de Gramsci.

Parece-me claro que, segundo Gramsci, os intelectuais tradicionais também foram, por sua vez, orgânicos de classes ora em declínio; são ex-orgânicos, agora não mais orgânicos unicamente porque a sociedade, em sua evolução, colocou-os pouco a pouco fora do jogo. Apenas pode ser considerado inorgânico, nesse sentido, o intelectual que recusa totalmente o mundo da política, que se fecha arrogante e raivosamente na própria solidão (...) (BOBBIO, 1997, pag. 87).

Esse pensamento de Bobbio retoma a discussão do homo faber e homo sapiens de Gramsci e a evolução da teoria do intelectual frente à sociedade de seu tempo. O intelectual não pode se fechar ao seu próprio pensamento sem se preocupar com a sociedade em que está inserido. No mundo da diversidade em que vivemos precisamos que os intelectuais sejam mediadores em conflitos e situações extremas, pois as referências que temos de intelectualidade em outros momentos históricos nos lembram períodos históricos de guerra e de processos políticos ditatoriais.

O intelectual deve fazer suas escolhas a partir de convicções e essas escolhas podem ir contra, ou ao encontro do que a classe dominante – Estado – esteja desenvolvendo em sua política de governo. Ser intelectual não representa estar contra as indicações políticas de um governo. Em alguns momentos o ideário intelectual e o ideário de poder podem convergir a um único caminho.

O homem de cultura e a política vêm sendo distanciados nos discursos de reflexão sobre a intelectualidade, como se pertencessem a sociedades distintas, com problemas distintos e fossem tão antagônicos que não pudessem pensar a partir de um mesmo ideal moral. A consideração de homem intelectual como dirigente das massas cria conflito entre intelectual e poder constituído, numa negação do interesse coletivo.

Um exemplo dessa polêmica intelectual apontada por Bobbio quando analisa a teoria de Julien Benda é que este desenvolveu sua obra a partir de embates e de convicções morais e intelectuais, em uma constante defesa da razão contra a paixão. Benda se mostra intransigente em suas convicções ideológicas, posicionando-se com veemência na luta do que chamava de verdadeiros e falsos intelectuais.

Segundo Bobbio, Benda busca uma reflexão exata sobre a posição do intelectual frente ao século XIX, momento histórico conturbado pela guerra, quando os intelectuais intervieram junto à sociedade na superação da crise da democracia e contra os primeiros vestígios dos Estados totalitários. Para Bobbio o escritor Julien Benda dá outra interpretação às ações dos intelectuais desse período e estabelece uma guerra sem trégua entre verdadeiros e falsos intelectuais, de um lado a cultura desinteressada e de outro a cultura serviçal. É importante registrar que Benda ao se propor pensar a intelectualidade, passa a compor essa classe.

Quem fala dos intelectuais desempenha, pelo fato mesmo de assim agir, uma função que habitualmente cabe aos intelectuais; torna-se, ao menos naquela ocasião, um intelectual. Quando os intelectuais falam dos intelectuais estão falando, na realidade, de si próprios, mesmo se por uma curiosa duplicação da personalidade acabam por falar da própria confraria, como se a ela não pertencessem. (BOBBIO, 1997, p.08).

Esse distanciamento que Benda coloca entre si e seu objeto de estudo – intelectualidade – inexistente. Suas intervenções no estudo do papel do intelectual em seu tempo, nos remete a reflexões mais profundas, no sentido de se observar que o momento sócio-histórico vai influenciar no pensamento dos intelectuais e conseqüentemente em suas reflexões de legitimidade a serem compartilhadas com a sociedade.

A Obra de Mia Couto é um belo exemplo de reflexão intelectual legítima de seu tempo histórico e literário. Sua abordagem em *Antes de nascer o mundo* e em *Pensatempos* trata as mazelas do país de Moçambique e do continente africano. Mas vai além, em sua escrita está presente o conflito com os norte-americanos, que relata a vida pós-guerra em Timor Leste, suas cartas ao presidente George W. Bush, externando a violência contra países do oriente médio. Nesses textos de opinião o escritor denuncia ao mundo o império capitalista, quando Os Estados Unidos da América sobrepõe sua economia aos outros países e em função de uma pretensa soberania ultrapassa os limites de relacionamento entre estados e nações.

Quero relacionar aqui as denúncias dessas cartas de Mia Couto (2005) contra o poder político norte-americano. Cito a simpatia dos EUA à África do Sul, do "apartheid", que violava os direitos humanos. Os Estados Unidos foram a única nação do mundo que lançou bombas atômicas sobre outras nações, foi a única nação a ser condenada por "uso ilegítimo da força" pelo Tribunal Internacional de Justiça, as forças americanas treinaram e armaram fundamentalistas islâmicos mais extremistas (incluindo o terrorista Bin Laden), a pretexto de derrubarem os invasores russos no Afeganistão.

O regime de Saddam Hussein foi apoiado pelos EUA enquanto praticava as piores atrocidades contra os iraquianos e o africano Patrice Lumumba foi assassinado com ajuda da CIA, o qual depois de preso, torturado e baleado na cabeça, teve seu corpo dissolvido em ácido clorídrico. A invasão de Timor Leste pelos militares indonésios mereceu o apoio dos EUA. Quando as atrocidades foram conhecidas, a resposta da Administração Clinton foi que, o assunto não era de sua responsabilidade, mas da responsabilidade do governo indonésio e que os EUA não lhe tiraria essa responsabilidade.

Assim seguem as cartas de Mia Couto ao presidente norte-americano George W. Bush, citando atrocidades de um país que sempre interveio e intervém em assuntos mundiais com um discurso pseudo de apaziguamento, quando seus verdadeiros interesses sempre estiveram no viés financeiro de dominação da economia mundial.

O maior perigo não é o regime de Saddam, nem nenhum outro regime. Mas o sentimento de superioridade que parece animar o seu governo. O seu inimigo principal não está fora. Está dentro dos EUA. Essa guerra só pode ser vencida pelos próprios americanos. Eu

gostaria de poder festejar o derrube de Saddam Hussein. E festejar com todos os americanos. Mas sem hipocrisia, sem argumentação para consumo de diminuídos mentais. Porque nós, caro Presidente Bush, nós, os povos dos países pequenos, temos uma arma de construção massiva: a capacidade de pensar. (COUTO, 2005, p. 39).

Mia Couto enquanto intelectual de seu tempo denuncia os crimes de estado cometidos pelos Estados Unidos da América. E esse pensamento não pertence apenas ao escritor, mas a um grande número de indivíduos que habitam o globo terrestre. A denúncia registrada pelo escritor não protege o imperialismo capitalista do século XXI, mas sim o denuncia. Contudo, num processo de análise de contraponto, pode-se levantar a ideia de que Mia Couto esta defendendo os interesses de seu país subdesenvolvido aos olhos do sistema capitalista vigente.

As cartas ao presidente George W. Bush o adverte quanto ao sentimento de superioridade, e como intelectual de seu tempo, Mia Couto ressalva que os povos dos países pequenos possuem uma arma de construção massiva: a capacidade de pensar, acreditando que esse instrumento pode mudar o sistema político e econômico mundial. Nessa reflexão sobre o intelectual e o poder podemos observar o quanto às intervenções de um pensador, pode agradar a uns e desagradar a outros.

Edward W. Said (2005) defende a ideia de que o intelectual não pode se fechar na academia, mas sim, se envolver com assuntos pertinentes ao seu tempo. Quando Gramsci (1982) diz que qualquer pessoa pode ser um intelectual e Benda defende que os intelectuais pertencem a um grupo mais seletivo que contrapõe a sociedade constituída diante de suas convicções. Aqui posicionamentos antagônicos são convergidos por Said, na busca de um lugar de equilíbrio para o intelectual de sua época. O ato de pensar e manifestar o seu pensamento pode fazer diferente o indivíduo, e este pode surgir em qualquer classe social, seja ela emergente ou elitizada. Said apresenta elementos constitutivos de um novo intelectual que não se encaixa com o intelectual de Gramsci e de Benda, mas que os representa nesse novo olhar de intelectualidade.

O intelectual é o indivíduo que representa uma ideia filosófica ou política, mas não deixa de ser crítico, se posicionando frente a um público específico, sendo capaz de influenciá-lo ou não, em um lugar de negação aos conceitos pré-estabelecidos pelo poder constituído, numa constante situação de exílio, pois segundo Said o exílio é o lugar de construção da intelectualidade.

Para o intelectual, o exílio nesse sentido metafísico é o desassossego, o movimento, a condição de estar sempre inquieto e causar inquietação nos outros. Não podemos voltar a uma condição anterior, e talvez mais estável, de nos sentirmos em casa; e infelizmente, nunca podemos chegar por completo à nova casa, nos sentir em harmonia com ela ou com a nova situação. (SAID, 2005, p. 60-61)

O intelectual é visto como aquele indivíduo que critica, faz indagações, desconstrói estereótipos e ideologias de poder, contribuindo para a construção do conhecimento humano e o desenvolvimento da humanidade. Esse indivíduo está dividido entre a intelectualidade e o seu lugar de pertencimento. O pensamento de Said parece estar alicerçado em sua própria condição identitária, como ponto de partida de seus questionamentos e inquietações, pois vive em sua origem o conflito do território árabe, possui cidadania americana e estudou em instituições britânicas e norte-americanas. Podemos dizer então, que Said é um cidadão do mundo. O seu lugar de pertencimento é o exílio.

Figura como um intelectual desenraizado, tem em sua origem identitária mais de um lugar de pertencimento. O seu lugar de origem é conflituoso, gerido por idéias adversas sobre o estado e religião. Vive e relata em sua obra um constante estar fora do lugar, representa o indivíduo deslocado.

(...) O intelectual que se considera parte integrante de uma condição mais geral que afeta a comunidade nacional deslocada é provavelmente uma fonte não de aculturação e adaptação, mas antes de inconstância e instabilidade. (SAID, 2005, p. 58).

Levanta discussões sobre a intelectualidade e o exílio, usa da prerrogativa de que o intelectual escolhe sua condição de pertencimento, o lugar de origem é um mero acaso. Já o exílio pode ser espacial, como também pode retratar um deslocamento metafórico, um deslocamento intelectual.

Segundo Said (2005) a representação do intelectual se dá na ruptura com a origem e a cultura, vislumbrando um olhar supranacional, conseqüentemente aceitando para si, ser expatriado, emigrante ou refugiado, para que possa pensar o mundo, num lugar de pertencimento neutro, para que possa no ato de pensar elaborar ideias como cidadão do mundo, observando os acontecimentos a partir de vivência com várias culturas e sociedades.

A condição de marginalidade, que pode parecer irresponsável e impertinente, nos liberta da obrigação de agir sempre com cautela, com medo de virar tudo de cabeça para baixo, preocupados em não inquietar os colegas membros da mesma corporação. Naturalmente, ninguém está livre de ligações e sentimentos. Nem tenho em mente o suposto intelectual sem compromisso com nada, cuja competência técnica pode ser emprestada ou posta à venda a qualquer um. Entretanto, penso que, para ser tão marginal e indomado como alguém que se encontra de fato no exílio, o intelectual deve ser receptivo ao viajante e não ao potentado, ao provisório e arriscado e não ao habitual, à inovação e à experiência e não ao status quo autoritariamente estabelecido. O intelectual que encarna a condição de exilado não responde a lógica do convencional, e sim ao risco da ousadia, à representação da mudança, ao movimento sem interrupção. (SAID, 2005, p. 70).

Esse intelectual de margem esta presente na obra de Mia Couto, ora através de suas personagens em *Antes de nascer o mundo*, ora em *Pensatempos*. O escritor porta-se de forma expatriada para levar ao seu leitor, concepções ideológicas de comunitarismo e empresta de si, para uma compreensão supranacional de humanidade, influenciando o pensamento de seu tempo histórico.

Em *Pensatempos* no texto “Uma palavra de conselho e um conselho sem palavras” Mia Couto escreve:

Muitas vezes jovens me perguntam como se redige uma peça literária. A pergunta não deixa de ter sentido. Mas o que deveria ser questionado era como se mantém uma relação com o mundo que passe pela escrita literária. Como se sente para que os outros se representem em nós por via de uma história? Na verdade, a escrita não é uma técnica e não se constrói um poema ou um conto como se faz uma operação aritmética. A escrita exige sempre a poesia. E a poesia é um outro modo de pensar que está para além da lógica que a escola e o mundo moderno nos ensinam. É uma outra janela que se abre para estrear outros olhares sobre as coisas e as criaturas. Sem a arrogância de as tentarmos entender. Apenas com a ilusória tentativa de nos tornarmos irmãos do universo. (COUTO, 2005, p. 45- 46)

Nessa ideia consternada de irmandade universal Mia Couto expressa sua ideologia enquanto intelectual público. A sua escrita esta a serviço de sua inquietude, do seu desassossego social emanando para países, nações e continentes, o seu pensamento macro de humanidade, nessa nova vertente de pensamento e intervenções no século XXI.

Thomas Sowell (2011) define como intelectual aquele cujo produto final de seu trabalho é composto por ideias, afirmando que o intelectual como formador de opinião pode afetar o resultado das políticas públicas, ou apenas influenciar um público sem defender ala “a” ou “b”. Sowel afirma que uma das violações mais comuns dos padrões intelectuais pelos próprios intelectuais é atribuir uma emoção ou um rótulo, como: racista, machista, homofóbico, entre outros, àqueles que expressam um ponto de vista diferente.

A aceitação ou negação do intelectual na sociedade dá-se pela capacidade desse indivíduo em interagir com o mundo a partir de suas ideias, pois quando se trata do intelectual público que sai de sua zona de conforto, ou seja, de sua área de conhecimento para intervir no pensar coletivo de universos múltiplos de conhecimento, incomoda a classe dominante, ou como nomina Thomas Sowell a “intelligentsia”, que representa um grupo de supostos intelectuais, que questionam o papel do intelectual público, questionando sua competência ao intervir em áreas de conhecimento que não fazem parte de sua formação acadêmica.

Esse grupo de pensadores do século XXI, a “intelligentsia” ignora o que temos de estudos sobre a intelectualidade, despreza o pensamento de Gramsci, Benda, Bobbio, Said e Sowell, retomando o velho discurso de que o intelectual está presente apenas nas classes dominantes e que cada indivíduo só pode desenvolver seu pensamento e suas ideias em áreas específicas, como se o ato de pensar pudesse ser cerceado e rotulado.

O pensamento intelectual vai além de rótulos e áreas de conhecimentos específicos. Então distinguimos aqui o intelectual de formação específica e o intelectual público. O de formação específica se debruçará em temas de sua área de conhecimento aprimorando seus conhecimentos para executar suas tarefas profissionais, enquanto o intelectual público questiona a sociedade num contexto macro, levando a sociedade a um pensamento mais elaborado da cultura, da economia e da política.

Aqui trato o “intelectual público”, baseada nas intervenções de Said e Sowell como aquele que tem como produto final ideias. Essas podem desencadear situações palpáveis, através de movimentos sociais, revoluções, projetos de lei, entre outras diversas manifestações do pensamento, suscitando a evolução de novos direcionamentos sociais, políticos, econômicos e culturais, que poderá contribuir com o desenvolvimento social de um povo. O intelectual que opera em

função de ideias não é menos responsável por seus atos que um médico ou um engenheiro.

Não posso deixar de registrar que como em todo meio social, em meio aos intelectuais temos situações inusitadas que atingem uma sociedade de forma extremamente negativa. Exemplo disso nos ocorreu aqui em Mato Grosso quando um docente a Universidade Federal do estado trouxe a tona uma pesquisa, afirmando que na cidade de Lucas do Rio Verde o leite materno esta contaminado por agrotóxicos. Essa informação por si só, me parece oportunista e sensacionalista por parte da universidade e da mídia estadual que divulgou amplamente a notícia sem uma confirmação de outra instituição de pesquisa para comprovação da hipótese. A comunidade local ficou estarrecida e as mães lactantes sem saber se deveriam continuar amamentando seus filhos, todavia, já se passou mais de um ano e até agora não tivemos casos médicos que confirmassem tal hipótese.

A classe intelectual tem profissionais que atuam com procedimentos sistemáticos e os que têm como produto final ideias, e para cada área de atuação há que se atribuir suas devidas responsabilidades. Thomas Sowell afirma que:

Assim como acontece com todo mundo, os intelectuais comportam uma mistura de conhecimentos precisos e vagas noções sobre as coisas. Para alguns intelectuais em determinadas áreas, esse conhecimento inclui informações sobre procedimentos sistemáticos, cuja função é testar a veracidade das noções e determinar sua validade como conhecimento real. Uma vez que as ideias respondem pela vida profissional dos intelectuais, é esperado que estes sejam mais minuciosos e sistemáticos na aferição dessas noções, sujeitando-as aos devidos testes. (SOWELL, 2011, p. 29).

O intelectual da academia exercerá suas atividades baseadas na formação sistemática e a sociedade cobrará deste, o que lhe compete por área de conhecimento. Já o “intelectual público” arriscar-se-á mais, pois deixa sua zona de conforto, ao afastar-se de sua área de formação acadêmica, para prospectar ideias sobre temas contemporâneos e buscar meios de superação coletiva aos problemas da sociedade, sejam eles quais forem. Para Sowell:

(...) A questão maior é, certamente, como o comportamento dos intelectuais afeta a sociedade na qual eles vivem. Em geral, o impacto gerado pela atividade intelectual independe do fato de os intelectuais serem reconhecidos como “intelectuais

públicos” – aqueles que se dirigem ao grande público, comparando-se aos intelectuais cujas ideias estão confinadas ao ambiente estritamente especializado de suas áreas ou mesmo ao universo puramente intelectual. (SOWELL, 2011, p. 20)

O escritor Mia Couto em *Pensatempos* denuncia a interferência dos Estados Unidos da América nos conflitos mundiais, que destruiu nações e patrocinou guerras com objetivo de controlar a economia mundial. Para SOWELL (2011) o intelectual público não dispõe de opiniões isoladas sobre uma variedade de assuntos, em suas opiniões, encontra-se forma de concepção articulada sobre o mundo, numa visão supranacional

O ato de desenvolver novas formas de pensamento, de denunciar, de suscitar assuntos polêmicos incomoda a “intelligentsia”, ou seja, a classe dominante, fato que leva o “intelectual público” a ter seu espaço social negado, entretanto, mesmo com a negação o produto dessa intelectualidade tem sido novas ideias e novas perspectivas sociais.

CAPÍTULO II – RASTROS IDENTITÁRIOS E INTELECTUALIDADE

2.1 *Antes de Nascer o Mundo: Jerusalém e a Gênese de Silvestre Vitalício.*

“Jerusalém”. Aquela era a terra onde Jesus haveria de se descruificar. E pronto, final.

(MIA COUTO)

A Gênese do mundo tem sido contada a milhares de anos no intuito da compreensão da cultura judaico-cristã, relatando o início de tudo, o início da existência humana na terra. O livro de Gênesis, que é o primeiro livro da bíblia, possui uma narrativa didática e cronológica, nos apresenta uma literatura explicativa da origem do universo e da origem humana.

O livro de Gênesis nos remete à reflexão de quem somos e qual a nossa origem. É um livro cuidadosamente estruturado; sua base literária reforça sua mensagem específica, tendo em sua primeira parte a história da criação, da gênese, na qual nos ateremos para aproximarmos dois textos literários da gênese humana, o

primeiro livro da bíblia – Gênesis – e a obra *Antes de nascer o mundo* ou *Jesusalém* em título original, de Mia Couto.

Na bíblia o livro de Gênesis nos relata a criação do mundo. A criação do céu e da terra da natureza e dos animais, além da criação da humanidade. Toda essa criação é obra divina na cultura cristã.

No princípio, criou Deus os céus e a terra. A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas. Disse Deus: Haja luz; e houve luz. E viu Deus que a luz era boa; e fez separação entre a luz e as trevas.

(...)

Fez Deus os dois grandes luzeiros: o maior para governar o dia, e o menor para governar a noite; e fez também as estrelas. E os colocou no firmamento dos céus para alumiar a terra, para governarem o dia e a noite e fazerem separação entre a luz e as trevas. E viu isso que isso era bom.

(...)

Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra. (A BIBLIA DA MULHER, 2008 p. 5-6).

A história da criação divina no livro de gêneses está dividida em partes, sendo: a criação da luz e das trevas; a criação do firmamento e das águas; a criação dos habitantes dos céus e das águas; a criação da terra e da vegetação e a criação dos moradores da terra. Essa humanidade tem início com a criação divina de Adão e Eva.

“Então, o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre o homem, e este adormeceu; tomou uma das suas costelas e fechou o lugar com carne. E da costela que o Senhor Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher, e lha trouxe.” (A BIBLIA DA MULHER, 2008, p. 8).

Segundo relatos da Bíblia Sagrada Adão é o primeiro ser humano criado pelas mãos divinas. Depois veio a criação de Eva a partir de um membro do corpo de Adão, selando assim a união entre homem e mulher. No relato bíblico Eva trai a confiança de Adão ao comer o fruto proibido e dá-lo a Adão para que também o coma. E ao comerem do fruto proibido são expulsos do paraíso e passam a arcar

com a responsabilidade do sustento, da dor e da morte. Deus os castiga pela desobediência e os submete um ao outro.

E à mulher disse: Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos; o teu desejo será para o teu marido e ele te governará.

(...)

No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás. E deu o homem o nome de Eva a sua mulher, por ser a mãe de todos os seres humanos. (A BIBLIA DA MULHER, 2008, p. 11)

Então na Bíblia temos a criação do homem e da mulher, entretanto, Deus concede à mulher o dom da multiplicação através da concepção de filhos e filhas. Para que fosse a genitora da humanidade na terra.

Já na literatura de Mia Couto, através do romance *Antes de nascer o mundo*, temos a negação da origem humana através da concepção do nascimento oriundo de uma mulher, desconstruindo a ideia da gênese do cristianismo. A personagem criadora de um outro mundo – de um mundo paralelo, que é um homem diz que parira os filhos, ele mesmo.

Em *Antes de nascer mundo* essa gênese nos é apresentada de forma desordenada e desconexa. O mundo acabara e surge uma nova humanidade através de cinco homens em idades diversas. Um desses – Silvestre Vitalício – é o inventor do novo mundo.

Em um novo modo de pensar, a personagem Silvestre, leva-nos a uma reflexão sócio-política e cultural impensada, quando a origem pode não ser tão importante, quanto o estabelecido. Mesmo que de forma autoritária e às avessas, essa desconstrução identitária faz o indivíduo a repensar identidade e lugar de pertencimento, pois no romance a ordenação de uma nova criação é humana.

No romance a ficção nos é apresentada embutida na realidade, repleta de experiências sensoriais com percepções de realidade. O construto do enredo nos permite entender o aspecto existencial vivido pelas personagens, na busca de identidade e memória. A luta de cada personagem é existencial, cada qual tenta entender sua origem e encontra no vazio de Jerusalém o esvaziar-se de si mesmo.

A construção das personagens do romance coutiano não é ao acaso, mas sim didaticamente estudada e construída, na primazia da representação semântica do texto e na alcunha do inter-texto da gênese bíblica, quando não, representa a nação

moçambicana e sua história. O romance nega a memória em sua narrativa, mas resgata na nomeação das personagens e lugar – Jesusalém / Jerusalém.

No título da obra Jesusalém com foi publicado em Portugal e no Brasil Antes de nascer o mundo, Mia Couto faz com construção simbólica de um espaço de conflito ideológico na alusão do nome da cidade de Jerusalém. Em Jesusalém Silvestre Vitalício nega a existência da humanidade e da figura feminina e em Jerusalém vive-se até os dias de hoje o conflito religioso entre o judaísmo, o islamismo e o cristianismo.

A obra está dividida em três livros, no primeiro a humanidade através dos habitantes de Jesusalém. O primeiro livro intitulado de “A Humanidade” é composto por seis capítulos e cada um desses é dedicado a uma personagem da obra. Temos aqui uma curiosidade, pois um dos capítulos é dedicado a jumenta Jezibela. Personagem que é personificada pelo narrador Mwanito.

Apresento-vos, a fechar, a última personagem da humanidade: a nossa querida burra, de nome Jezibela. A jumenta tinha a minha idade, o que era muito para um animal da sua espécie. Contudo, Jezibela estava, como dizia o pai, na flor da idade. O segredo da sua elegância residia no tabaco que mascava. A iguaria era encomendada ao Tio Aproximado e dividida entre Zacaria e a Jumenta. Aos fins de tarde, um de nós lhe levava as folhas inteiras e a burra rejubilava ante a visão, aproximando-se num trote feliz a receber as verduras. (MIA COUTO, 2009, p. 99)

O segundo livro trata da visita da portuguesa Marta a Jesusalém – “A visita” – e a reação dos habitantes com a chegada de uma mulher. “A primeira vez que vi uma mulher tinha onze anos e me surpreendi subitamente tão desarmado que desabei em lágrimas” (COUTO, 2009, p. 11). Esse livro também está dividido em seis capítulos e discorre sobre o conflito identitário entre colonizador e colonizado, relata a reação de Silvestre Vitalício ao ver sua organização social ameaçada. Como um verdadeiro ditador deposto, Silvestre reage de forma violenta e autoritária.

Mas ao se deparar com a argumentação da visitante, a portuguesa Marta, Silvestre Vitalício se descompõe enquanto senhor de Jesusalém:

- E o que a trouxe aqui, posso saber?
 - Venho à procura do meu marido.
 - Lhe pergunto, dona: veio tão longe só procurar o marido?
 - Sim acha que é pouco?
- Uma mulher não sai à procura de marido. Uma mulher fica à espera.

Então se calhar, não sou uma mulher.

(...)

- Antes de viajar, informei-me sobre a sua história – afirmou Marta.
- Não há história nenhuma, estou aqui numas pequenas férias, este lugar é um retiro exclusivo...
- Eu conheço a sua história...
- A única história, minha senhora, é a história da sua saída, de volta para onde veio. (COUTO, 2009, p. 150)

Neste trecho da obra Silvestre Vitalício assume a existência do mundo no “Lado de lá”. E demonstra toda a fragilidade do mundo criado em Jesusalém. A sua irritação maior com a visitante dá-se quando Marta diz que: “ – E se lhe disser que eu e você estamos aqui pela mesma razão?” (COUTO, 2009, p. 151). O motivo de Silvestre viver tão distante era muito íntimo para que a estranha soubesse. A sua dor era negada, como se não existisse. E a figura feminina da estrangeira vinha rememorar toda sua dor e angústia.

O terceiro livro que tem como título “Revelações e Regressos” assinala o desfecho da narrativa. Esse livro é composto por apenas quatro capítulos, sendo que um deles – o capítulo “O livro” – se apresenta como metalinguagem da obra, quando Mwanito aos seus dezesseis anos de idade revela ao irmão que durante a experiência de viver em Jesusalém havia escrito um livro.

A história do romance *Antes de nascer o mundo* acontece numa fazenda, ou coutada isolada do mundo, a qual, Silvestre Vitalício deu o nome de Jesusalém, onde vivem cinco homens, sem passado e sem memória. Um lugar de interdição, de negação da própria origem humana. Onde o homem existe e pronto. “(...) Meu pai dera um nome ao lugarejo. Simplesmente chamado assim: “Jesusalém”. Aquela era a terra onde Jesus haveria de se descruificar. E pronto, final.” (COUTO, 2009, p. 11).

Silvestre Vitalício, pai autoritário, é um dos cinco homens que vivem em Jesusalém e comanda os demais com rigor, ultrapassando os limites da lucidez na tentativa de recriar o mundo. Silvestre neutraliza qualquer tentativa de resgate do passado, da memória individual ou coletiva.

Em Jesusalém todos deveriam receber um nome novo, como se estivessem se convertendo a uma nova ordem. E nesse renascimento Mateus Ventura passa a se chamar Silvestre Vitalício, Orlando Macara a Tio Aproximado, Ernestinho Sobra a

Zacaria Kalash, Olindo Ventura a Ntunzi Sombra e Mwanito ficaria com o mesmo nome, pois para Silvestre o filho mais novo ainda estava nascendo.

Já no início da narrativa o autor nos dá pistas da origem de Ntunzi, pois no dêsbatismo em Jesusalém Ntunzi assume o sobrenome Sombra de seu verdadeiro pai. Olindo Ventura para a Ntunzi Sombra. E Mwanito não tem sobrenome algum, sem ancestralidade, sem origem, ou de origem duvidosa.

Após a morte de sua mulher Dordalma, Silvestre se isola em uma coutada abandonada com os filhos, um ex-militar, um cunhado e uma jumenta. Pensando assim fugir das lembranças e da dor de ter perdido sua esposa amada. Dordalma tem presença constante na obra, através dos pensamentos de Silvestre Vitalício, dos filhos e de outras personagens.

De novo, era Dona Dordalma, nossa ausente mãe, a causa de todas as estranhezas. Em lugar de se esfumar no antigamente, ela se imiscuía nas frestas do silêncio, nas reentrâncias da noite. E não havia como dar enterro àquele fantasma. A sua misteriosa morte, sem causa nem aparência, não a roubara do mundo dos vivos. (COUTO, 2009, p. 31)

Seu filho Mwanito é o mais novo – 1º narrador da história. Como fora tirado do convívio em sociedade ainda muito pequeno, parecia não ter lembranças. Não passou pelo dêsbatismo e pela substituição do nome ocorrido na criação da nova humanidade, realizada por Silvestre Vitalício.

Ntunzi o filho mais velho lutava contra as interdições que o pai pudesse fazer, relutava em acatar o autoritarismo inebriante de Silvestre Vitalício, e sonhava com um passado que não existira. Ntunzi fantasiava possibilidades de ter vivido plenamente ao lado de sua mãe Dordalma confundia sonho com realidade.

Para Ntunzi o pai havia cometido algo irreparável para que vivesse tão distante do mundo, nesse lugar de negação. Chegava até a insinuar que o pai tivesse matado a mãe. E essa quase verdade para o menino, o apavorava e o tornava ainda mais rebelde às ordens do pai.

O Soldado Zacaria Kalash é fiel escudeiro de Silvestre Vitalício, um ex-militar que possui balas alojadas pelo corpo as quais exhibe com orgulho. Um homem que vive motivado pela guerra, mas que se compadece de Mwanito, e principalmente de Ntunzi, e por diversas vezes os protege dos destemperes do pai.

Tio Aproximado não vive em Jesusalém, mas periodicamente aparece trazendo alimentos e notícias. Conta a Silvestre a queda de um governo e o fim da guerra em Moçambique, além de alertar da necessidade de sair de Jesusalém e voltar ao convívio em sociedade.

Das personagens que vivem em Jesusalém falta Jezibela. A jumenta encantadora que seduziu Silvestre e foi à única figura feminina que o dono da coutada aceitara conviver acalentando sua solidão, carência. Silvestre chega a cultivar um sentimento romântico pela jumenta. Jezibela, segundo Mwanito, tem trejeitos e feições semelhantes aos dos seres humanos.

(...) Mais que o tabaco era o amor que Silvestre lhe dedicava que explicava o esplendor da burra. Nunca ninguém viu tais respeitos em caso de zoológica afeição. Os namoros sucediam aos domingos. Deve ser dito que apenas meu pai tinha idéia quantas andávamos na semana. Às vezes, era domingo dois dias consecutivos. Dependia do seu estado de carência. Porque no último dia da semana era certo e sabido: com um ramo de flores na mão e envergando gravata vermelha, Silvestre marchava em passo solene para o curral. (COUTO, 2009, p. 100)

Em um mundo de imperfeições, sem passado, sem memória Silvestre Vitalício às vezes demonstra se perder em pensamentos que os atormenta. Diz aos filhos que os pariu, tomando para si o papel de genitor, criando um mundo às avessas, que causa estranheza às personagens e ao leitor.

Silvestre é homem confuso, mas exerce um poder persuasivo sobre os filhos, o soldado Zacaria e o cunhado Aproximado, que os impede sair de seu conturbado mundo psicológico. Vitalício se coloca como um intelectual dessa nova existência em Jesusalém, ignorando o intelecto dos filhos e de seus subalternos.

Num mundo de interdição Silvestre diz que é proibido chorar, lembrar e rezar, aprisionando em definitivo cada ser àquele mundo paralelo e fantasioso.

- Pai, a mãe morreu?
- Quatrocentas vezes.
- Como?
- Já vos disse quatrocentas vezes: a vossa mãe morreu, morreu toda, faz de conta que nunca esteve viva.
- E está enterrada onde?
- Ora está enterrada em toda a parte.
- (...)
- O mundo: querem saber como é?

(...)

- Pois o mundo, meus filhos...

(...)

- O mundo meus filhos...

(...)

- Está certo, vocês merecem, vou contar o que é o mundo...

(...)

Pois, o caso é simples, meus filhos: o mundo morreu, não resta nada para lá de Jerusalém. (COUTO, 2009, p. 31 – 34).

A alucinada condição de Silvestre o faz negar o mundo para não lembrar de Dordalma, nem de como a perdeu. Jerusalém é o refúgio do desassossego de sua alma. Silvestre Vitalício nega o mundo para não admitir a perda. Dordalma é sua verdadeira negação.

Ele trata o filho mais novo como afinador de silêncio e é na presença de seu pequeno que sente um pouco de paz. Talvez seja por isso que Ntunzi diz que Silvestre Vitalício se lembra de Dordalma através de Mwanito. A tristeza é uma constante na coutada, tudo o que acontece Silvestre relaciona a Dordalma. Na verdade a sua alma dói pela ausência da mulher.

Surge em Jerusalém a figura feminina de Marta que vai desconstruir o mundo paralelo de Silvestre Vitalício, pois representa na narrativa a existência da alma feminina, num mundo homogeneamente masculino e representa ainda o colonizador, pois é portuguesa, Ela traz na bagagem a cultura portuguesa e a luta para encontrar seu marido Marcelo, que é fotógrafo e foi a Moçambique fotografar o país num momento ainda de guerra colonial e civil. O encantamento pela figura da mulher é de todos.

Silvestre Vitalício se esquece de Jezibela, a jumenta, e se enamora por Marta, mesmo que por pouco tempo, pois em seguida, a quer fora de seu mundo inventado. Para Silvestre Jerusalém não tem espaço pra mais ninguém, nem mesmo para Tio Aproximado, pois a sua estadia ali é sempre passageira.

A portuguesa Marta é a revelação de que o mundo não acabou, que existem outras pessoas fora da coutada Jerusalém, que a guerra havia acabado e que a presença portuguesa em território africano existiria no pós-guerra. Que os laços construídos entre Portugal e Moçambique jamais deixariam de existir e que a descolonização realmente não seria possível.

Jerusalém é um lugar de negação do passado, é a demarcação de um novo espaço, um espaço vazio a ser preenchido pelo nada, pois a memória foi negada. O

interdito é constante na falta de diálogo, na construção do afinador de silêncio. Silvestre Vitalício proibiu aos seus sonhar, lembrar, chorar e rezar. E assim, instaurou um “novo mundo” e uma nova “humanidade”:

Em contrapartida, em Jesusalém, não havia senão vivos. Desconhecedores do que fosse saudade ou esperança, mas gente vivente. Ali existíamos tão sós que nem doenças sofríamos e eu acreditava que éramos imortais. À nossa volta, apenas bichos e as plantas morriam. E, nas estiagens, desfalecia de mentira o nosso rio sem nome, um riacho que corria nas traseiras do acampamento. (COUTO, 2009, p. 11 – 12)

Mas Jesusalém não rompeu em definitivo com o mundo exterior, pois o Tio Aproximado era o elo de ligação entre o presente e o passado de Silvestre Vitalício. A cumplicidade entre os cunhados é uma constante. Aproximado sempre o alerta e o coloca a par do que acontece no “Lado de lá”, mesmo que deixando Silvestre furioso.

A desestabilidade em Jesusalém é tão grande que todos retornam a Moçambique. Ntunzi vai para o exército com Zacaria Kalash e Mwanito, já em fase adulta, mora na cidade e cuida de seu velho pai. Curioso observarmos que nas narrativas de Mia Couto é sempre o filho mais novo que cuida de seus genitores, responsabilidade que culturalmente é do filho mais velho.

A narrativa é enredada por diversas temáticas, como toda a obra coutiana. O conflito psicológico das personagens margeia o real e o imaginário na construção do conflito existencial e na busca de uma identidade a ser revelada.

O título original da obra “Jesusalém” nos reporta ao cristianismo, à imagem secular de Jesus. E Jesusalém também é o nome do lugar de reinvenção e interdição de Silvestre Vitalício, pois os que vão viver em Jesusalém serão dêsbatizados, como se fosse possível se inventar uma nova identidade. Jesusalém ainda nos remete à cidade de Jerusalém no oriente médio, palco das narrativas bíblicas.

Em Jesusalém Mia Couto nos apresenta uma escrita empolgante, com a tentativa de Silvestre Vitalício de fugir do mundo real, que lhe causa tanto sofrimento. Sentimento que o povo moçambicano traz na alma e na reconstrução do país. A relação entre o interno e o externo – Moçambique e Portugal – da savana de Moçambique e da modernidade de Portugal.

Jesusalém representa o indizível, o mais íntimo dos sentimentos e a maior sensação de perda da humanidade. A perda da memória, da origem, da tradição do povo moçambicano, sob a interferência da cultura europeia através do processo de colonização.

A tentativa autoritária de negação da memória por Silvestre Vitalício é fadada ao fracasso, pois rastros identitários se alastraram por toda Jesusalém. Ntunzi suplantou esses rastros de identidade ao fantasiar o que poderia ter sido vivido por ele e pelos outros antes de se ausentarem da cidade na fuga para Jesusalém. A memória de um povo, de uma nação não se apaga.

2.2 O renascer aos olhos de Silvestre Vitalício, na alegoria do nome das personagens

Propomos aqui o estudo dos nomes das personagens do romance *Antes de nascer o mundo*, de Mia Couto, apostando no inter-texto entre o romance e a *Bíblia*, livro de fundamentação ideológica da cultura judaica cristã. É visível que o autor Mia Couto trabalha a intertextualidade com textos bíblicos em seu romance, na correlação de nomes e personagens às avessas.

As personagens de *Antes de nascer o mundo*, relevantes para esse estudo são: Silvestre Vitalício, Dordalma, tio Aproximado, Mwanito, Ntunzi, Zacaria Kalash, Marta e Jezibela a jumenta. Observemos então, que cada personagem fará menção a um momento histórico ou social que Mia Couto quer destacar.

Silvestre Vitalício possui nome composto. Silvestre é uma palavra que origina-se do latim e se refere a algo que descende do mato. É selvagem e bravo. Vitalício se refere a algo que dura a vida inteira. Características que aludem à personagem de Mia Couto, que é forte, autoritário e constrói um espaço inimaginável para velar a dor do ultraje que sua esposa Dordalma passou e a levou ao suicídio. Uma dor que se perpetuaria por toda a sua existência.

Durante anos, meu pai foi uma alma doce, seus braços davam a volta à Terra e neles moravam os mais antigos sossegos. Mesmo sendo ele a estranha e imprevisível criatura, eu via no velho Silvestre o único sabedor de verdades, o solitário adivinhador de presságios. (COUTO, 2009, p. 29)

Dordalma é o motivo do distanciamento do mundo de Silvestre Vitalício e seus filhos. A vivência isolada em Jesusalém é consequência da morte da mulher. Episódio cheio de mistérios que vem à baila no final da trama. Silvestre nega a presença de Dordalma na coutada até mesmo em pensamento; mas não consegue se desvencilhar de suas memórias. Comanda a vida em Jesusalém, ordenando como os moradores daquele lugar devem se portar. Interditando sentimentos, suscitando aquela comunidade ao esquecimento, como o povo de Moçambique no pós-guerra.

Dordalma é a representação da dor mais intensa da humanidade. Os textos poéticos da humanidade retratam essa dor. Uma dor incontida, que só sabe quem a tem, embora não desconheça a razão, não consegue contê-la. A dor d'alma é uma ferida que dói escondida no fundo da alma, ninguém vê nem pode tocar, mas ela está lá. A personagem Dordalma tem em seu nome a saga da mulher africana, que em tempos de colonização e de guerra tem o seu corpo ultrajado e o seu amor violado.

Dordalma é a mulher que não consegue superar a violência que dilacerou seu povo e sua alma. Abriu mão de sonhar, de criar os filhos, de amar um novo amor, de se reconstruir no entremeio da desconstrução de Moçambique. Abriu mão de viver, como milhares de moçambicanos que sentiram essa dor tão profunda no processo de colonização e de libertação do país.

Os filhos de Dordalma representam o povo moçambicano, nos nomes de dialetos da terra e na esperança de reconstrução. Mwanito e Ntunzi – meninos – queriam reconstruir suas vidas, na convivência com outras pessoas do “Lado de lá”, onde o pai dizia não existir mais nada. Tal qual, o povo moçambicano quis reconstruir um país depois da colonização.

Mwanito é a primeira voz narrativa de uma história de auto-descoberta e renascimento. O redescobrir do mundo, da natureza, dos mitos e da memória do povo moçambicano. Mia Couto articula a passagem do tempo, a partir de um lugar onde não acontecia coisa alguma.

Na escrita literária tem a preocupação de criar situações narrativas que representem histórias factuais de Moçambique, da emancipação política aos dias de hoje. Representa a história do povo africano como um todo e ainda revela as mazelas mundiais através de seus textos de opinião.

Tio Aproximado, irmão de Dordalma, é homem simples porém instruído, sabe dos acontecimentos em Moçambique, o momento político em que o país vive e auxilia Silvestre Vitalício na proposta de auto-exílio em Jesusalém. Contudo, Aproximado tenta convencer Silvestre a retomar consciência e retornar à cidade.

Tio Aproximado que está próximo, mas não perto é o parente com quem Silvestre busca manter distancia. Como se ao distanciar-se de Aproximado tivesse a capacidade de distanciar-se de suas lembranças de Dordalma, afinal, em Jesusalém era proibido lembrar.

Como já dissemos, Mia Couto nessa e em outras obras literárias faz alusão a textos bíblicos e isso acontece em relação aos nomes das personagens também. Observemos que até mesmo no título original da obra Jesusalém, que também é o nome do lugar onde moram, esse nome pode ser aludido à cidade de Jerusalém.

Para Silvestre Vitalício, Jesusalém é um lugar de negação, que faz homens e animais desaparecer da terra, como no episódio da *Bíblia* que relata o dilúvio e o surgimento de uma nova humanidade. A personagem defende a ideia do surgimento de uma nova humanidade em Jesusalém, mas algo incompreensível, pois não houve nenhum acontecimento que justificasse tal teoria. Sem arca como no dilúvio, sem rasgão de clarão ou fogo, como em Sodoma e Gomorra. Para Silvestre era assim o mundo havia acabado.

Terminara o universo sem espetáculo, sem rasgão nem clarão. Por definhamento, exaurido em desespero. E assim, vagamente, meu pai derivava sobre a extinção do cosmos. Primeiro, começaram a morrer os lugares-fêmeas: as nascentes, as praias, as lagoas. Depois, morreram os lugares-machos: os povoados, os caminhos, os portos. (COUTO, 2009, p. 22).

Na paródia bíblica do gênese de *Antes de nascer o mundo*, Mia Couto alude o primeiro livro da bíblia o Gênesis, bem como, à cidade de Jerusalém e o vilarejo de Jesusalém criado por Silvestre Vitalício.

Jesusalém é “a terra onde Jesus haveria de se descrucificar” (COUTO, 2009, p. 11) e o lugar em que “um dia, Deus nos virá pedir desculpa” (COUTO, 2009, p. 20). Jesusalém se torna o último lugar a ter existência humana. Uma humanidade sem memória, sem lembranças. “– Este é o país derradeiro e vai-se chamar Jesusalém.” (COUTO, 2009, p. 37). Em Jesusalém Silvestre rompe definitivamente com o mundo exterior; sua dor o sucumbiu.

Veze sem conta perguntávamos: por que estávamos ali, longe de tudo e de todos? Meu pai respondia:

- O mundo acabou, meus filhos. Apenas resta Jesusalém.

Eu era crente das palavras paternas. Ntunzi, porém considerava tudo aquilo um delírio. Inconformado, voltava a indagar:

- E não há mais ninguém no mundo?

Silvestre Vitalício inspirava como se a resposta pedisse muito peito e, fazendo soltar um demorado suspiro, murmurava:

- Somos os últimos. (COUTO, 2009, p. 21)

Já a cidade de Jerusalém – capital de Israel – citada na bíblia, é considerada uma cidade sagrada com mais de três mil anos de história e o centro do judaísmo, do islamismo e do cristianismo. As disputas e as crises religiosas em Jerusalém e região são constantes ainda hoje. Como Moçambique no pós-guerra colonial e civil.

Na bíblia há vários relatos de visitas de Jesus a Jerusalém:

Desperta, desperta, veste-te da tua fortaleza, ó Sião, veste-te das tuas roupagens formosas, ó Jerusalém, cidade santa, porque não mais entrará em ti nem incircunciso nem imundo. Sacode-te do pó, levanta-te e toma assento, ó Jerusalém: solta-te das cadeias de teu pescoço, ó cativa filha de Sião. Porque assim diz o Senhor: Por nada fostes vendidos; e sem dinheiro sereis resgatados. Porque assim diz o Senhor DEUS: O meu povo no princípio desceu ao Egito, para nele habitar, e a Assíria sem razão o oprimiu. Agora, que farei eu aqui, diz o Senhor, visto ter sido o meu povo levado sem preço? Os seus tiranos sobre ele dão uivos, diz o Senhor; e o meu nome é blasfemado incessantemente todo o dia. Por isso, o meu povo saberá o meu nome; porquanto, naquele dia, saberá que sou eu quem fala: Eis-me aqui que formosos são sobre os montes, os pés do que anuncia as boas novas, que faz ouvir a paz, que anuncia coisas boas, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: O teu Deus reina! Eis o grito dos teus atalaias! Eles erguem a voz, juntamente exultam; porque com seus próprios olhos distintamente vêem o retorno do SENHOR Sião. Rompei em júbilo, exultai à uma, ó ruínas de Jerusalém; porque o SENHOR consolou o seu povo, remiu a Jerusalém. (A BIBLIA DA MULHER, 2008, p. 911)

Silvestre Vitalício nega história e memória, mas não nega o cristianismo, mesmo em sua revolta devido aos acontecimentos, ainda espera a volta de Jesus para ser descrucificado e de Deus para pedir desculpas pela violência que se abateu sobre a vida de sua mulher Dordalma. Enquanto na Bíblia sagrada o ato do suicídio é condenado com morte eterna, parece que em Jesusalém Silvestre Vitalício atribui essa responsabilidade à Deus.

A cidade de Jerusalém é lugar de disputa de tentativa de sobreposições de culturas e religiões. Uma situação insuperável ainda hoje. É também lugar por onde Jesus passou em sua peregrinação na terra. O conflito ideológico e de identidades é a semelhança entre a cidade de Jerusalém e a contada Jesusalém na obra *Antes de nascer o mundo*.

Mia Couto trabalha o nome da contada de Jesusalém de forma alusiva a Jerusalém, cidade que se localiza no oriente médio, numa das rotas comerciais mais importantes daqueles povos. Carrega aspectos sagrados de relato bíblico. Possui posição geográfica defensiva, pois foi construída sobre colinas rochosas. É envolta por muralhas e uma de suas principais portas é a de Damasco, tão citada em relatos bíblicos.

Jerusalém é considerada cidade santa, pois toda a história de Jesus narrada na bíblia nos dá conta de que Jesus peregrinou pela cidade de Jerusalém e seus arredores até a sua morte e ressurreição. Segundo a bíblia no livro de II Samuel capítulo 05, os Jebuseus dominaram a cidade durante duzentos anos, quando o rei Davi a conquistou.

No reinado de Davi Jerusalém se torna a capital de Israel, do povo de Deus. É o lugar para onde foi elevada A Arca da Aliança. “Edificou ali Davi ao SENHOR um altar, e apresentou holocaustos e ofertas pacíficas. Assim, o SENHOR se tornou favorável para com a terra, e a praga cessou de sobre Israel. (A BIBLIA DA MULHER, 2008, p. 440). Davi é homem de Deus segundo o relato bíblico e estabelece aliança.

Jerusalém é terra de milagres realizados por Jesus, exemplo, a cura de um cego de nascença:

Caminhando Jesus, viu um homem cego de nascença. E os seus discípulos perguntaram: Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? Respondeu Jesus: Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus. É necessário que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo. Dito isso, cuspiu na terra e, tendo feito lodo com a saliva, aplicou-o aos olhos do cego, dizendo-lhe: Vai, lava-te no tanque de Siloé (que quer dizer Enviado). Ele foi, lavou-se e voltou vendo. (A BIBLIA DA MULHER, 2008, p. 1322).

Jerusalém é uma terra de conflitos, mas de transformações, de milagres e de

grandes acontecimentos. A escolha do nome da obra por Mia Couto traz a representação desse lugar que é um espaço físico, mas tem grande simbologia no contexto bíblico. Assim como a coutada recebe de Silvestre Vitalício o nome de Jesusalém. Temos a construção de um lugar físico e psicológico, quando autor e personagem buscam uma grande transformação.

A cidade de Jerusalém é palco de grandes acontecimentos históricos e religiosos e a coutada Jesusalém é um espaço de reconstrução identitária de Silvestre Vitalício e no campo psicológico do povo moçambicano. Enquanto Jerusalém é a terra do povo de Israel, povo guerreiro, povo nominado como povo de Deus; Jesusalém é um lugar de desterro e exílio, é uma construção de Jerusalém às avessas, uma reconstrução humana do mundo através da personagem Silvestre Vitalício.

Na narrativa percebemos certa ironia, construída no intuito de reflexão humanitária ao mundo da época do colonialismo em Moçambique, as guerras coloniais e civis fazem alusão aos dias de hoje, as guerras sangrentas motivadas por questões religiosas e econômicas, como em Gaza, região de fronteira à cidade de Jerusalém.

O nome da personagem Marta de Jesusalém nos reporta a uma personagem bíblica, Marta irmã de Lázaro e Maria, que na passagem bíblica hospeda Jesus em sua casa; e Marta da obra *Antes de nascer o mundo* que hospeda-se em Jesusalém.

Marta personagem bíblica vê o irmão Lázaro muito doente e pede a Jesus que venha depressa para curá-lo. Todavia Jesus se demora por dois dias e quando chega à casa de Marta, Lázaro já é morto. Marta lamenta e chora aos pés de Jesus, então Jesus vai ao túmulo de Lázaro e o ressuscita.

Indo eles de caminho, entrou Jesus num povoado. E certa mulher, chamada Marta, hospedou-o na sua casa. Tinha ela uma irmã, chamada Maria, e esta quedava-se assentada aos pés do Senhor a ouvir-lhe os ensinamentos. Marta agitava-se de um lado para o outro, ocupada em muitos serviços. Então, se aproximou de Jesus e disse: Senhor, não te importas de que minha irmã tenha deixado que eu fique a servir sozinha? Ordena-lhe, pois, que venha ajudar-me. Respondeu-lhe o Senhor: Marta! Marta! Andas inquieta e te preocupas com muitas coisas. Entretanto, pouco é necessário ou mesmo uma só coisa; Maria, pois, escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada. (A BIBLIA DA MULHER, 2008, P. 1274).

A personagem Marta que chega a Jerusalém também busca algo, tem uma identidade deslocada, vai ao encontro de uma memória perdida, tenta entender o porquê o marido – colonizador – não retornou a Portugal. Marta vai a Moçambique para reencontrar o marido, mas descobre que ele está morto.

Sou mulher, sou Marta e só posso escrever. Afinal, talvez seja oportuna a tua ausência. Porque eu, de outro modo, nunca te poderia alcançar. Deixei de ter posse da minha própria voz. Se viesses agora, Marcelo, eu ficaria sem fala. A minha voz emigrou para um corpo que já foi meu. E quando me escuto nem eu mesma me reconheço. Em assuntos de amor só posso escrever. Não é de agora, sempre foi assim, mesmo quando estavas presente. (COUTO, 2009, p. 131).

Marta a mulher portuguesa que chega a Jerusalém cria uma reviravolta na narrativa, trazendo para o romance uma segunda voz narrativa que dialoga com o narrador principal – Mwanito. Marta narra sua própria história, quando busca o renascer de si mesmo, e dá vida a Jerusalém com sua presença feminina, em um mundo dominado por homens.

Os nomes das personagens de Mia Couto em *Antes de nascer o mundo* foram pensados na reconstrução da gênese de Silvestre Vitalício, nessa proposta de recriação a partir do homem. Os nomes foram pensados em alusão a personagens bíblicas com histórias de construção identitária, reflexos de memória e recriação ou ressurreição, como no caso de Lázaro irmão de Marta.

Zacaria é outro personagem que faz alusão a um personagem bíblico. Zacaria Kalash é ex-militar que serve a Silvestre Vitalício em cumplicidade a um passado angustiante, que as duas personagens negam lembrar. As lembranças que Zacaria Kalash permitia, eram apenas as que sentiam orgulho, as marcas de balas no corpo em combate de guerra.

Neto de soldado, filho de sargento, ele mesmo não tendo sido outra coisa senão um militar. Não lhe viessem com tretas de coração, amores e saudadezinhas. Homem é bicho morredouro, que adora a Vida mas gosta mais ainda de não deixar viver. (COUTO, 2009, p. 85)

Zacaria Kalash vivia em Jerusalém a negação da memória, pois a ausência de Dordalma o fazia cúmplice de Silvestre Vitalício. Zacaria reagia mal aos

questionamentos de Mwanito e Ntunzi sobre a morte da mãe, ou até mesmo do tempo em que viviam na cidade, quando Silvestre e Dordalma namoravam.

Já Zacarias personagem da bíblia era profeta, homem que tinha aliança com Deus. Segundo a bíblia, Zacarias era um sacerdote do templo de Jerusalém, pai de João Batista, que anunciaria a vida de Jesus ao mundo. Na escrita do profeta Zacarias, temos três momentos da vida de Jesus na terra, a crucificação (A BIBLIA DA MULHER, 2008, p. 1140) seu sofrimento (A BIBLIA DA MULHER, 2008, p. 1141) e sua segunda vinda (A BIBLIA DA MULHER, 2008, p. 1141-1142):

E Zacarias, seu pai, cheio do Espírito Santo, profetizou, dizendo: Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e remiu o seu povo, e nos suscitou plena e poderosa salvação na casa de Davi, seu servo, como prometera, desde a antiguidade, por boca dos seus santos profetas, para nos libertar dos nossos inimigos e das mãos de todos os que nos odeiam; para usar de misericórdia com os nossos pais e lembrar-se da sua santa aliança e do juramento que fez a Abraão, o nosso pai, de conceder-nos que, livres das mãos de inimigos, o adorássemos sem temor, em santidade e justiça perante ele, todos os nossos dias. (A BIBLIA DA MULHER, 2008 p. 1251).

O nome Zacarias na bíblia tem como significado “Deus lembrou”. Em Jesusalém é proibido lembrar, mas “Deus lembra” através de Zacarias. O sobrenome Kalash significa povo, língua. O povo Kalash vive no Paquistão. Com etnia e cultura distinta dos povos da região, habita como tribo, foi apelidado pelos povos vizinhos de Kafir Kalash, um termo de origem árabe que significa descrente, que esconde, nega a verdade. Como Zacaria Kalash escondeu e negou a verdade em Jesusalém para Mwanito e Ntunzi sobre a causa da morte de Dordalma.

Zacaria Kalash nega o seu passado, pois sente-se cúmplice de Silvestre Vitalício na perda de Dordalma. Ele foi o homem por quem Dordalma apaixonou-se, a ponto de querer deixar Silvestre Vitalício por Zacaria Kalash, mas a vida não lhe foi companheira e Dordalma foi estupidamente violentada, episódio que a destruiu e levou-a ao suicídio.

A personagem Jezibela que na obra coutiana personifica-se, tal qual, a cadela Baleia em Vidas Secas, de Graciliano Ramos, é uma personagem à parte, pois desperta sentimentos adversos nas personagens do romance. A personificação em figura feminina contrapõe toda a masculinidade de Jesusalém. Poderíamos até dizer que é a única alma feminina permitida por Silvestre Vitalício.

Jezebel tinha a idade de Mwanito, Silvestre Vitalício dizia que a jumenta estava na flor da idade. Ntunzi divertia-se com os delicados trejeitos humanizados de Jezebel. Mwanito tinha muito ciúmes da relação enamorada de Silvestre e Jezebel.

A Jumenta se dobrava para trás, com um indecifrável olhar cheio de pestanas, e o meu pai aguardava, mãos cruzadas à frente do ventre, à espera de um sinal. Que sinal seria esse, nunca soubemos. A verdade é que, num dado momento, Silvestre anunciava a sua gratidão: - Muito agradecido, Jezebel, trouxe estas imodestas flores... Ainda víamos a burra mastigando o ramo de flores. Depois meu pai desaparecia no interior do curral. E nada mais se sabia. (COUTO, 2009, p. 100)

Silvestre vive com Jezebel algumas decepções. Primeiro encontra dificuldades em sua macheza, num encontro com a jumenta e depois na descoberta que Jezebel estava prenha. O ciúme de Silvestre vai às últimas consequências, chegando ao ponto de matar o filhote zebra da jumenta.

Mais uma vez Mia Couto trabalha com um intertexto bíblico. É impossível não associar Jezebel à personagem bíblica Jezabel – rainha fenícia – que perseguiu os sacerdotes israelitas, numa negação à cultura judaica cristã, cultuando os deuses fenícios.

Jezabel fez um casamento político arranjado entre o reino de Israel e Tiro e se tornou rainha em Israel. Exerceu uma grande influência sobre seu marido, o rei Acabe. E fez confusão religiosa junto ao povo de Israel, pois adorava a Baal. Usou seu poder como rainha em benefício próprio.

Segundo o livro de I Reis Jezabel é mulher poderosa e insubmissa, que incita o marido contra os profetas do Senhor.

Porém, vindo Jezabel, sua mulher, ter com ele, Ihe disse: Que é isso que tens assim desgostoso o teu espírito, e não comes pão? Ele Ihe respondeu: Porque falei a Nabote, o Jizreelita, e Ihe disse: Dá-me a tua vinha por dinheiro; ou, se te apraz, dar-te-ei outra em seu lugar. Porém ele disse: Não te darei a minha vinha. Então, Jezabel, sua mulher, Ihe disse: Governas tu, com efeito sobre Israel? Levanta-te, come e alegre-se o teu coração; eu te darei a vinha de Nabote, o Jizreelita. Então escreveu cartas em nome de Acabe, selou-as com o sinete dele e as enviou aos anciãos e aos nobres que havia na sua cidade e habitavam com Nabote. E escreveu nas cartas, dizendo: Apregoai um jejum, e trazei Nabote para a frente do povo. Fazei sentar defronte dele dois homens malignos, que testemunhem contra

ele, dizendo: Blasfemaste contra Deus e contra o rei. Depois, levai-o para fora, e apredejai-o para que morra. E os homens da sua cidade, os anciãos e os nobres que nela habitavam fizeram como Jezabel lhes ordenara, segundo estava escrito nas cartas que lhes havia mandado. (A BIBLIA DA MULHER, 2008, p. 4770. Bíblia, I Reis 21: 5 – 11)

A personagem bíblica Jezabel e a personagem de Mia Couto Jezibela trazem consigo a insubmissão e o rompimento com as convenções sociais, num diálogo textual de alegoria. Jezibela foi assassinada e a rainha fenícia teve o seu corpo despedaçado por cães. O escritor engendra uma construção alusiva na nomeação de seus personagens e na construção identitária de cada um deles, trabalhando proximidades e afastamentos entre as personagens de sua narrativa e as personagens da Bíblia Sagrada.

Ian Watt (2010) no texto “*O realismo e a forma do romance*” relata a estruturação do texto romanesco quanto ao tempo e espaço e nos remete a engenhosidade dos escritores e filósofos dos séculos XVI a XVIII na escolha do nome das personagens e sua construção identitária. O autor afirma que no gênero romance a tradição coletiva é substituída pela experiência individual e as personagens são constituídas a partir dessa premissa.

A nomeação das personagens se dá em nome e sobrenome, situação em que o nome pode vir da ficção, mas o sobrenome vem da tradição. Há que se pensar ainda, nas personagens que não possuem nomes, qual a sua significação na narrativa? Nos reportemos ao romance que se firmou a partir do século XVIII, a constituição do nome e sobrenome não segue mais normas rígidas e os escritores agem com liberdade na escolha do nome das personagens, todavia, os nomes escolhidos representam a identidade particular de cada indivíduo.

E é isso que vemos na obra *Antes de nascer o mundo* de Mia Couto, a nomeação de suas personagens, mesmo fazendo alusão a personagens bíblicos, constitui identidades particulares e individuais. A construção dessas personagens se dá a partir de suas origens – Portugal e Moçambique – e do espaço físico, psicológico e histórico no construto da narrativa coutiana, além do tempo cronológico e psicológico vivido na coutada e na cidade.

As identidades representadas na obra de Mia Couto constituem a identidade do povo moçambicano, através de personagens que representam tradição e modernidade, identidade individual e identidade plural, além da representação da

intelectualidade de um povo que se reconstrói no caos da guerra colonial e da guerra civil. Permeando rastros identitários de colonizador e colonizado segundo teoria de Abdala Junior e Marli Fantini.

2.3 O canto feminino grafado nas epígrafes de *Antes de nascer o mundo*

As epígrafes na obra de Mia Couto (2009) introduzem as três partes da obra: Livro um, Livro dois e Livro três, além de iniciar cada capítulo. Temos no romance *Antes de nascer o mundo*, vozes epigráficas masculinas e femininas que nos dão pistas de que o feminino alicerça a narrativa coutiana.

A obra está dividida em livros e capítulos, trabalha epígrafe numa proposta de diálogo entre poesia e romance. Em todo o romance temos vinte epígrafes, sendo dez da portuguesa Sophia Andresen, duas de vozes masculinas e as outras oito citações em epígrafes são de Hilda Hilst e Adélia Prado, brasileiras e Alejandra Pizarnik, argentina. Os textos das poetisas se alternam, dialogando com a narrativa coutiana, tratando identidade, silêncio, exílio e amor.

Essas vozes advertem o leitor sobre a importância da mulher na narrativa coutiana, mesmo que a presença física (Marta) ou em pensamento (Dordalma) seja negada por Silvestre Vitalício. A única presença de fêmea permitida em Jerusalém é da jumenta Jezibela.

Mia Couto estabelece um diálogo para-textual entre romance e epígrafes, tendo nesses poemas duas vozes masculinas, como já fora citado, o alemão Herman Hesse e o francês Jean Baudrillard. Os dois pensadores buscam uma visão de humanidade a partir da filosofia, ou seja, da razão. Já as vozes femininas divagam sobre sentimentos diversos.

Hermann Hesse tem fragmento de sua lírica na abertura da obra de Mia Couto (2009):

Toda a história do mundo não é mais
que um livro de imagens reflectindo o mais violento e mais cego
dos desejos humanos: o desejo de esquecer.

O romance trata justamente dessa fuga de Silvestre para Jerusalém em busca do esquecimento, numa visão ontológica da vida. As imagens a serem

esquecidas refletem Dordalma como na imagem do espelho. Silvestre vê a esposa até mesmo na deslembração.

Jean Baudrillard, a outra voz masculina das epígrafes da obra, lembra em sua poética citada por Mia Couto (2009) a temática da morte. O perder a vida numa metáfora de um eterno renascer e morrer.

Aquilo que chamam “morrer” não é senão acabar de viver e o que chamam “nascer” é começar a morrer. E aquilo que chamam “viver” é morrer vivendo. Não esperamos pela morte: vivemos com ela perpetuamente.

A morte que é recorrente em toda a narrativa é de Dordalma. Silvestre se isola do mundo, da cidade, da humanidade e cria uma nova “humanidézinha” no descompasso de sua dor mais profunda, a morte de Dordalma. Uma lembrança que leva a vontade de esquecer-se de tudo.

As temáticas se compõem em consonância com cada capítulo, revelando a importância do feminino na narrativa coutiana. Mia Couto e Sophia Andresen dialogam através do inter-texto entre poesia e romance, com temáticas que ressignificam essa alma feminina.

Sophia Andresen destaca-se como escritora pelo ideário de justiça e liberdade. Lutou contra a ditadura salazarista e após o 25 de abril de 1974 elegeu-se deputada da assembleia constituinte em Portugal. Sua primeira publicação de poesias foi no ano de 1940.

O 25 de abril de 1974 foi marco, tanto em Portugal, quanto em Moçambique. Portugal lutava contra Salazar e seu regime militar, e Moçambique resistia ao domínio português, mesmo sendo colônia.

O poema “Pirata” é a epígrafe que Mia Couto (2009) usa na abertura do livro um, que tem como título “Humanidade”:

PIRATA

Sou o único homem a bordo do meu barco.
Os outros são monstros que não falam,
Tigres e ursos que amarrei aos remos,
E o meu desprezo reina sobre o mar.

Gosto de uivar no vento com os mastros
E de me abrir nas brisas com as velas,
E há momentos que são quase esquecimento
Numa doçura imensa de regresso.

A minha pátria é onde o vento passa,
A minha amada é onde os roseirais dão flor,
O meu desejo é o rastro que ficou das aves,
E nunca acordo deste sonho e nunca durmo.

A poesia de Sophia Andresen está marcada por valores de identidade, justiça e contato com a natureza. É uma das vozes da poesia portuguesa contemporânea, expressando na escrita sensibilidade e busca da realidade e de seu tempo. A sua obra consiste nos conflitos de identidade, justiça e na tragicidade da vida humana.

O “eu lírico” do poema busca liberdade, distanciamento do mundo, da humanidade. E esse poema é colocado por Mia Couto (2009) como epígrafe do livro um, que trata através da primeira voz narrativa – Mwanito – a apresentação de cada personagem daquela “humanidadezinha” de Jesusalém.

Meu velho, Silvestre Vitalício, nos explicara que o mundo terminara e nós éramos os últimos sobreviventes. Depois do horizonte, figuravam apenas territórios sem vida que ele vagamente designava por “Lado-de-Lá”. Em poucas palavras, o inteiro planeta se resumia assim: despido de gente, sem estradas e sem pegada de bicho. Nessas longínquas paragens, até as almas penadas já se haviam extinto. (COUTO, 2009, p. 11)

No poema “Pirata” o eu lírico aparenta estar só, rodeado de lembranças, que são sufocadas pelo próprio “eu”. Nega o passado como Silvestre Vitalício e é tão expatriado quanto Mwanito “a minha pátria é onde o vento passa,”. Nos primeiros versos o “eu lírico” dá indícios de distanciamento do mundo, num deslocar-se de si e do mundo. Sua poesia trabalha também com o elemento exílio que é estudado na obra e na vida da autora, principalmente no período ditatorial de Salazar; a poesia “Jardim Perdido” faz alusão ao paraíso, ao jardim do éden, no livro de Gênesis, como Mia Couto (2009) na construção dos elementos narrativos da gênese humana, à partir de uma reconstrução humana na voz da personagem Silvestre Vitalício.

No poema “Escuto” Sophia Andresen dá voz ao primeiro capítulo de *Antes de nascer o mundo* (2009), que tem como temática o silêncio, o mesmo silêncio de Mwanito “o afinador de silêncio”.

A citação em epígrafe é apenas a primeira estrofe do poema “Escuto”. O eu lírico faz uma reflexão do encontrar-se consigo mesmo, da busca de identidade. Mwanito narra a angústia do esquecimento através de Silvestre Vitalício, por meio

de uma reconstrução identitária no meio do nada, sem origem, sem princípios, ou qualquer outra forma de lembrança. A identidade de cinco homens que vivem distanciados do mundo, num processo de negação do passado e do futuro.

Apesar do distanciamento físico, Silvestre Vitalício sempre se cumpriu pai materno, antepassado presente. Eu estranhava tal esmero. Porque esse zelo era a negação de tudo o que ele apregoava. Aquela dedicação só ganhava sentido se houvesse, em algum indescortinado lugar, um tempo cheio de futuro. (COUTO, 2009, p. 21)

A reconstrução identitária engendrada nesse romance nos leva a reflexão feita por Abdala Junior na obra: *Fronteiras Múltiplas, identidades plurais – um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural (2002)*, quando o indivíduo se constitui à partir do outro, como em Moçambique quando o povo empresta do colonizador um novo dialeto e incorpora à cultura local elementos da cultura portuguesa.

A personagem Mwanito narra à existência de Silvestre Vitalício, homem rude que na ausência da esposa Dordalma se nega a viver como dantes e segue uma nova jornada de desconstrução existencial. Retira-se da convivência em sociedade e cria uma realidade paralela para supor a ausência da amada esposa. “(...) eu via no velho Silvestre o único sabedor de verdades, o solitário adivinhador de presságios.” (COUTO, 2009, p.29). Silvestre Vitalício cria uma nova “humanidade” em que a figura feminina não é aceita. Nega até mesmo a procriação através da fêmea, causando estranhamento aos poucos viventes de Jesusalém.

A rispidez de Silvestre confirmou a já velha, mas nunca enunciada, interdição: as mulheres eram assunto interdito, mais proibido que a reza, mais pecaminoso que as lágrimas ou o canto.
- Não quero essa conversa. Aqui não entram mulheres, nem quero ouvir falar a palavra... (COUTO, 2009, p. 33)

A personagem nega a origem, nega o amor por Dordalma, nega os filhos e a si mesmo nessa constante desconstrução do “eu”. Observe como o fragmento poético de Sophia Andresen em *Cicládes* nos revela Silvestre.

(...)
Viveste no avesso
Viajante incessante do inverno
Isento de ti próprio

Viúvo de ti próprio
(...)

E o poema segue na inquietude desse “eu” em construção, num mundo paralelo, cheio de imperfeições e vivências as avessas. Silvestre segue caminhos contrários ao que devia ir. Enquanto todos seguem para a cidade fugindo da guerra, ele vai para um lugar isolado onde construirá uma nova Jerusalém – a sua Jerusalém – nas dobras do livro da bíblia.

Mia Couto (2009) constrói uma verdadeira alegoria religiosa na narrativa, desde a gênese aos personagens caricatos de personagens bíblicos, com interpretação de homens e mulheres fortes que estiveram na presença de Jesus, ora confirmando, ora questionando o seu poder e benevolência.

Silvestre em sua intelectualidade às avessas cobra de “Deus” pela vida de Dordalma. O mundo criado por Deus lhe parece injusto, gerando a necessidade de uma re-construção. “Eu via no velho Silvestre o único sabedor de verdades, o solitário adivinhador de presságios” (COUTO, 2009, p. 29). O narrador Mwanito vê Silvestre de forma sublimada.

Na epigrafe com o poema “Jardim” Mia Couto faz menção a personagem Tio Aproximado

Alguém diz:
“Aqui antigamente houve roseiras” –
Então as horas
Afastam-se estrangeiras,
Como se o tempo fosse feito de demoras.

Tio Aproximado representa esse antigamente do poema, de tempos vividos outrora. Nesse caso de tempos vividos no “Lado de Lá” como dizia Silvestre Vitalício. Aproximado, é a representação da ausência de memória e ao mesmo tempo o recobrar dela e da consciência do retorno. Mesmo que o tempo passasse Silvestre sabia que chegaria o tempo de acertar suas contas com Deus. E esse acerto de contas seria no retorno do exílio. Jerusalém era lugar de passagem, de trânsito. A vida em algum momento deveria ser retomada.

Aproximado e o ex-militar Zacaria colocaram a vida em suspense para acompanhar o luto de Silvestre Vitalício e esperavam que ele retomasse a consciência para retornarem a cidade.

A construção narrativa de Mia Couto deixa em suspense as personagens em *Antes de nascer o mundo*, como se o povo moçambicano tivesse ficado nesse mesmo suspense que ocorreu durante as guerras de resistência à colonização portuguesa e a aos grupos que tentaram dominar o país a base da força. Esse momento representa o reconstruir-se de Silvestre Vitalício e a reconstrução de Moçambique.

Com o poema “Exílio” também de Sophia Andressen Mia Couto (2009) através do personagem narrador Mwanito, relata a loucura de Silvestre Vitalício em Jerusalém, seu lugar de refúgio e auto-exílio. Ele teme que seu mundo construído na coutada seja desfeito como uma nuvem de fumaça. A fragilidade do mundo em Jerusalém era a falta da memória e da identidade. Ninguém vive sem sua ancestralidade.

Quando a pátria que temos não a temos
Perdida por silêncio e por renúncia
Até a voz do mar se torna exílio
E a luz que nos rodeia é como grades.

O auto-exílio proporciona a Silvestre Vitalício a fuga de uma realidade que lhe traz tanto sofrimento. No exílio a personagem vive o luto da morte de Dordalma. Ali ele pode deixar a dor de sua alma transbordar, sua essência vir à tona e questionar a Deus o porquê de tanto sofrimento, de tanta ausência.

E no poema “Para atravessar contigo o deserto do mundo”, Mia Couto trata a sublimação do amor de Silvestre Vitalício por Dordalma

Para atravessar contigo o deserto do mundo
Para enfrentarmos juntos o terror da morte
Para ver a verdade para perder o medo
Ao lado dos teus passos caminhei

Por ti deixei meu reino meu segredo
Minha rápida noite meu silêncio
Minha pérola redonda e seu oriente
Meu espelho minha vida minha imagem
E abandonei os jardins do paraíso

Cá fora à luz sem véu do dia duro
Sem os espelhos vi que estava nua
E ao descampado se chamava tempo

Por isso com teus gestos me vestiste
E aprendi a viver em pleno vento

Esse poema fala de abdicação do “eu” em função do “outro”, um poema que retrata a entrega do “eu” por um amor sublimado, como nas cantigas de amor da literatura portuguesa. As personagens de Mia Couto (2009) se entregam ao amor com profundidade d’ alma.

Silvestre Vitalício e Marta se reconhecem no sofrimento e na renúncia. Marta foi capaz de renunciara própria vida para estirpar a dor de sua alma, mas Silvestre a salvou, como gostaria de ter salvado Dordalma em sua angústia de morte.

- O teu pai me salvou.

(...)

- eu queria morrer num rio, num rio que nascesse na minha terra e desaguasse no fim do mundo.

Foi o que disse a portuguesa, de olhar fixo na janela.

- Agora deixa-me – acrescentou. – Agora quero ficar sozinha com teu pai.

Saí, golpeado por estranha tristeza. Quando olhei pela janela pareceu-me ver a minha mãe debruçada sobre o seu antigo marido, a minha mãe regressada dos céus e rios onde ela se demorara toda a vida. Bati no vidro e chamei, quase sem voz:

- Mãe! (COUTO, 2009, p. 229).

Silvestre traz consigo segredos que se revelam nesse capítulo, Ntunzi descobre sua verdadeira origem e segue seu caminho. Marta desprende-se do marido morto e enterrado em terras moçambicanas e Zacaria revela sua cumplicidade com as loucuras de Silvestre. Suas vidas foram dilaceradas pelos desencontros da vida e pela guerra. Todos perderam, até se perderam de si.

No poema “Terror de te amar” Sophia Andresen nos diz em epígrafe:

Terror de te amar num sítio tão frágil como o mundo

Mal de te amar neste lugar de imperfeição

Onde tudo nos quebra e emudece

Onde tudo nos mente e nos separa.

Que nenhuma estrela queime o teu perfil

Que nenhum deus se lembre do teu nome

Que nem o vento passe onde tu passas.

Para ti eu criarei um dia puro

Livre como o vento e repetido

Como o florir das ondas ordenadas.

Neste poema revela-se a vida, Marta confessa segredos a Mwanito numa sucessão de acontecimentos que antes lhe faltava compreensão. Seu pai, Jesusalém, o mundo a sua volta que agora passara a conhecer. Suas identidades quebradas que passam a constituírem-se em uma única. A mulher portuguesa revela querer o mesmo auto-exílio que Silvestre, despindo-se de sua identidade européia.

A vida só sucede quando deixamos de a entender. Nos últimos tempos, meu querido Mwanito, estou longe de qualquer entendimento. Nunca me imaginei viajando para África. Agora, não sei como regressar à Europa. Quero voltar por Lisboa, sim, mas sem memória de alguma vez já ter vivido. Não me apetece reconhecer nem gente, nem lugares, nem sequer a língua que nos dá acesso aos outros. É por isso que me dei tão bem em Jesusalém: tudo era estranho e não prestava contas sobre quem era, nem que destino devia escolher. Em Jesusalém, a minha alma se tornava leve, desossada, irmã das garças. (COUTO, 2009, p. 240).

Dordalma comete suicídio por enforcamento dependurada em uma árvore. A segunda voz narrativa da personagem Marta conta a Mwanito toda essa saga através de uma carta. A primeira que o menino recebera na vida. O menino compreende então, o medo de Silvestre do balanço das árvores e tantas outras esquisitices do pai que eram tratadas como loucura. Silvestre, segundo a personagem Marta, queria apenas livrar-se do passado, das lembranças, assim poderia esquecer sua tragédia e não sentir-se culpado.

Outro poema de Sophia Andresen usado com epígrafe por Mia Couto é o poema “Nome”:

Em nome da tua ausência
Construí com loucura uma grande casa branca
E ao longo das paredes te chorei

O peso da ausência recai na alma das personagens Silvestre Vitalício, Zacaria e Marta. Esses personagens se reconstroem na ausência de seus amores. Além de Ntunzi e Mwanito que sofrem a ausência da mãe. Quando não recordam de Dordalma, sonham.

O sofrimento da alma humana na obra de Mia Couto (2009) nos revela angustia, ausência, morte, perdas. Vidas dilaceradas nas dores da existência humana, na busca de um eterno reconstruir-se. É chegada a hora do retorno dos cinco homens da coutada Jerusalém à civilização, mas Silvestre Vitalício está fechado a esse retorno.

- Veja as pessoas pai.
- Que pessoas? Eu não vejo ninguém.
- Não vê as casas, os carros, a gente?
- Absolutamente nada. Não vos disse que estava tido morto, tudo vazio? (COUTO, 2009, p. 219)

Silvestre Vitalício segue o seu ritual de negação da vida. O pai de Mwanito desistiu de viver quando Dordalma tirou a própria vida. Mwanito mesmo na cidade segue seu destino de cuidar do pai.

Chegámos sem que se percebesse onde terminara o mundo rural. Não havia fronteira clara. Apenas uma transição de intensidade, um caos que se adensou: nada mais do que isso. Na cabine, em abano fúnebre de cabeça, o pai ladainhava:
- Tudo morto, tudo morto.
Há quem morra e seja enterrado. Como foi o caso de Jezibela. Mas as cidades morrem e apodrecem à nossa frente, víceras de fora, empestando-nos por dentro. As cidades apodrecem dentro de nós. Era o que dizia Silvestre Vitalício. (COUTO, 2009, p. 219 – 220).

A dor de Silvestre transcende o real e o imaginário, mas as memórias o atormentam e vão trazendo de volta cada frustração e perda sofrida. A identidade de Mateus Ventura retorna e sobrepõe a fantasia de Silvestre Vitalício num refazer de memória e identidade. E por mais que Silvestre a negue, essa identidade permanece lá no íntimo da sua alma.

Numa metalinguagem da obra de Mia Couto (2009), temos o poema “Meditação do Duque de Gandia sobre o morte de Isabel de Portugal”:

Nunca mais
A tua face será pura limpa e viva
Nem o teu andar como onda fugitiva
Se poderá nos passos do tempo tecer.
E nunca mais darei ao tempo a minha vida.

Nunca mais servirei senhor que possa morrer.

A luz da tarde mostra-me os destroços
Do teu ser. Em breve a podridão
Beberá os teus olhos e os teus ossos
Tomando a tua mão na sua mão.

Nunca mais amarei quem não possa viver
Sempre,
Porque eu amei como se fossem eternos
A glória, a luz e o brilho do teu ser,
Amei-te em verdade e transparência
E nem sequer me resta a tua ausência,
És um rosto de nojo e negação
E eu fecho os olhos para não te ver.

Nunca mais servirei senhor que possa morrer.

E com esta epígrafe no capítulo “O livro” temos o resultado da interferência da cultura portuguesa sobre o país colonizado Moçambique. Dos habitantes de Jerusalém influenciados por suas memórias e pela vivência do retorno à cidade. Uma interferência irreversível, como o processo colonizador. Numa metalinguagem à obra, Mia Couto engendra o registro de uma história formada entre oralidade e escrita, numa constante valorização da cultura local, presente através da oralidade.

Os poemas de Sophia Andressen contribuem com a elaboração significativa do autor Mia Couto na construção de conceitos de amor, loucura e exílio, na representação da personagem Silvestre Vitalício. O amor externado na lírica da poetisa anuncia a saga de amor vivido.

Com os poemas utilizados como epígrafes de Hilda Hilst Mia Couto traz ao leitor a alma feminina transfigurada em suas personagens humanas ou quase humanas como a jumenta Jezibela. Em sua obra as temáticas recorrentes são amor, morte, loucura e a busca do sagrado. A poetisa vive o exílio voluntário quando se isola na casa do sol em Campinas. Num primeiro momento sua produção tem como eixo central o amor como no poema “Sonetos que não são”:

Aflicção de ser eu e não ser outra.
Aflicção de não ser, amor, aquela
Que muitas filhas te deu, casou donzela
E à noite se prepara e se adivinha
Objeto de amor, atenta e bela.

Aflicção de não ser a grande ilha
Que te retém e não te desespera.
(A noite como fera se avizinha.)

Aflicção de ser água em meio à terra
E ter a face conturbada e móvel.
E a um só tempo múltipla e imóvel

Não saber se ausenta ou se te espera.
Aflicção de te amar, se te comove.
E sendo água, amor, querer ser terra.

Este poema estabelece uma relação dual entre duas vozes femininas que disputam um mesmo amor e o distanciamento por ser diferente. Pensando que a personagem Jezibela a jumenta é humanizada na narrativa, podemos associar essa relação de disputa entre Jezibela e Dordalma. Mesmo que de forma caricata o poema reflete os sentimentos conflituosos das personagens.

A epígrafe que abre o capítulo em que Mwanito fala de seu irmão Ntunzi é o poema XXII (não me procures ali) de Hilda Hilst, que é citado na íntegra.

Não me procures ali
Onde os vivos visitam
Os chamados mortos.
Procura-me
Dentro das grandes águas
Nas praças
Num fogo coração
Entre cavalos, cães,
Nos arrozais, no arroio
Ou junto aos pássaros
Ou espelhada
Num outro alguém,
Subindo um duro caminho

Pedra, semente, sal passos da vida
Procura-me ali.
Viva.

Ntunzi é a personagem mais deslocada da narrativa, vive numa terceira margem. O mundo imposto por seu velho pai é “branco e preto” enquanto o mundo de Ntunzi é colorido. Restam-lhe fragmentos de memória de sua mãe Dordalma e da vida na cidade. O seu batismo em Jesusalém não lhe tirou as lembranças, nem a vontade de viver. Mas Ntunzi sente-se morto em Jesusalém. “ – Neste mundo existem os vivos e os mortos. E existimos nós, os que não temos viagem” (COUTO, 2009, p. 54).

Ntunzi que dantes de ser dê-batizado em Jesusalém chamava-se Olindo ventura não fez a transição para o novo mundo de Silvestre Vitalício. A sua

indignação e resistência dá-se em toda a obra. Ele resiste à vivência em Jesusalém até mesmo na doença.

- Pai, não faça isso, o mano já quase morreu tantas vezes...

E era verdade: depois de ter ardido em febre, meu irmão assou a sofrer de ataques. Ntunzi começava por se arredondar, olhos bêbados, pernas bambando como bailarina cega. Depois, subitamente, desabava no chão. Nessas alturas, eu corria a pedir socorro e Silvestre Vitalício se aproximava vagaroso, repetindo não sei se uma sentença se um diagnóstico:

- Queimadura de alma!

Nosso velho pai tinha a sua explicação para os achaques: demasiada alma. Doença que se apanha na cidade, conclua. E resmungava, dedo em riste:

- Foi onde o seu irmão apanhou essa porcaria. Foi lá, na maldita cidade. (COUTO, 2009, p. 57 – 58)

Ntunzi contrapondo o autoritarismo do pai se revela o grande intelectual em Jesusalém. Luta contra as barbaridades cometidas por Silvestre Vitalício, desafia sua autoridade e revela a Mwanito as várias facetas da vida, tanto em Jesusalém, quanto já integrados a sociedade moçambicana. Resiste as ideias totalitaristas do pai, questiona sua autoridade e a contrapõe. Nessa resistência confronta as mazelas da vida e a ausência de sua mãe Dordalma, levando o líder da coutada a ímpetos de intolerância e desespero.

Ntunzi vê a vida em Jesusalém como a morte e constrói esse deixar de viver como ocorre na poesia de Hilda Hilst. Parafrazeando a poetisa é como se Ntunzi dissesse: não me procure na morte (Jesusalém), me procure no mundo, viva. O menino passa seus dias em Jesusalém como prisioneiro e espera à hora de voltar ao convívio em sociedade.

- Que raio de coisa é esta?

A parede escura estava povoada de milhares de estrelinhas que Ntunzi diariamente rabisca, como obra de prisioneiro na parede do cárcere.

- Este é o céu de Ntunzi, cada estrela é um dia. (COUTO, 2009, p. 66).

A voz poética de Hilda Hilst expressa uma poesia centrada em si, de caráter psicossocial numa situação de margem, em busca de um lugar de pertencimento. Um mundo reconstruído como a coutada de Silvestre Vitalício, além de representar o lugar do feminino em *Antes de nascer o mundo*, mesmo que na negação dessa

existência pela personagem Silvestre Vitalício.

Em outro poema de Hilda Hilst temos a temática do divino, da religiosidade. A poetisa vê Deus como homem comum. Questiona sua existência e sua atuação e poder em relação a humanidade. Como a personagem Silvestre Vitalício em seu estado de suposta loucura espera que Deus um dia venha a Jerusalém para pedir desculpas. Como se Deus fosse responsável por suas mazelas.

O Deus de que vos falo
Não é um Deus de afagos.
É mudo. Está só. E sabe
Da grandeza do homem
(Da vileza também)
E no tempo contempla
O ser que assim se fez.

É difícil ser Deus
As coisas O comovem.
Mas não da comoção
Que vos é familiar:
Essa que vos inunda os olhos
Quando o canto da infância
Se refaz.

A comoção divina
Não tem nome.
O nascimento, a morte
O martírio do herói
Vossas crianças claras
Sob a laje,
Vossas mães
No vazio das horas.

E podereis amá-lo
Se eu vos disser serena
Sem cuidados,
Que a comoção divina
Contemplando se faz?

Nesse poema temos o questionamento do ser, da existência humana e a contemplação da vida. Um Deus que conhece a grandeza e a vileza do homem, como diz Hilda Hilst. O “Deus” descrito pela autora através de sua poesia, não se comove com o sofrimento humano, agindo contra os princípios da tradição judaico-cristã. Um “Deus” que se apresenta o oposto do Deus do cristianismo. Como o “Deus” de Silvestre Vitalício, que parece não se importar com sua dor. E em momentos de revelações e regressos, Mia Couto nos presenteia com essa linda

poesia de reflexão existencial.

Com os poemas de Adélia Prado em epígrafes Mia Couto reforça várias representações presentes em *Antes de nascer o mundo*, como o feminino, a existência humana, o conflito religioso e a formação da identidade humana. A poetisa trabalha com temáticas semelhantes às desenvolvidas no romance. Trabalha com maestria a construção do feminino na poesia, o conflito existencial e a loucura. Uma das epígrafes é o poema “Exausto”:

Eu quero uma licença de dormir,
perdão pra descansar horas a fio,
sem ao menos sonhar
a leve palha de um pequeno sonho.

Quero o que antes da vida
foi o sono profundo das espécies,
a graça de um estado.
Semente.
Muito mais que raízes.

Esse poema abre o capítulo “A aparição” que relata a chegada da mulher portuguesa Dona Marta a Jerusalém. Envolto em suspense, pois todos querem saber quem é essa alma que está perambulando pela coutada.

- Ntunzi, você... você não vai acreditar.
- Eu vi – disse, ele tão alvoroçado com eu,
- Viu o quê?
- A mulher branca.
- Viu mesmo?
- Não podemos dizer nada ao nosso pai. (COUTO, 2009, p. 125)

O poema de Adélia Prado fala de exaustão, de entrega. O eu lírico deseja o descanso, perdão, a ausência do sonho. Quer a origem, a pátria. A semente é o princípio e aqui o eu lírico quer “Semente.”, quer muito mais que raízes. Como a personagem Marta que deixa Portugal e vai à procura de Marcelo seu esposo, buscando a origem da separação.

E na voz narrativa feminina de Marta o construto das epígrafes com poemas de Adélia Prado enfatiza a alma feminina na obra coutiana:

Eu te amo, homem, como toda vida quis e não sabia, eu que já amava
de extremoso amor o peixe, a mala velha, o papel de seda e os riscos

de bordado, onde tem o desenho cômico de um peixe – os lábios carnudos como de uma negra.
Divago, quando o que quero é só dizer te amo.
(...)

O amor do eu lírico de Adélia Prado, nesta poesia, é como o amor da personagem Marta por seu marido Marcelo. Um amor incondicional, inviolável. Marta em seus papéis autobiográficos fala do grande amor que tem por seu marido. Teme por sua vida, por sua alma, em ver seu coração ocupado por outra mulher:

(...)
Teço as curvas, as mistas e as quebradas, industriosa como abelha, alegrinha como florinha amarela, desejando as finuras, violoncelo, violino, menestrel e fazendo o que sei, o ouvido no teu peito pra escutar o que bate. Eu te amo, homem, amo o teu coração, o que é, a carne de que é feito, amo sua matéria, fauna e flora, seu poder de perecer, as aparas de tuas unhas perdidas nas casas que habitamos, os fios de tua barba.
Esmero. Pego tua mão, me afasto, viajo pra ter saudade, me calo, falo em latim pra requintar meu gosto:
“Dize-me, ó amado da minha alma, onde apascentas o teu gado, onde repousas ao meio dia, para que eu não ande vagueando atrás de rebanhos dos teus companheiros”.
Aprendo, te aprendo homem. O que a memória ama fica eterno. Te amo com a memória imperecível.
Te alinho junto das coisas que falam uma coisa só: Deus é amor. Você me espicaça como o desenho do peixe da guarnição de cozinha, você me garante, tira de mim o ar desnudo, me faz bonita de olhar-me, me dá uma tarefa, me emprega, me dá um filho, comida, enche minhas mãos.
(...)

Marta em seus relatos canta o amor, como Adélia Prado em sua poesia. Um amor de resgate, de entrega, de autocomiseração. Nada o destruirá, nada pode abalar esse sentimento tão perfeito, afinal “Deus é amor” como cita em sua poesia Adélia Prado. Digo cita, pois “Deus é amor” esta na bíblia sagrada: *E nós conhecemos, e cremos no amor que Deus nos tem. Deus é amor; e quem está em amor está em Deus, e Deus nele. (A BIBLIA DA MULHER, I João 4:16):*

(...)
Eu te amo, homem, exatamente como amo o que acontece quando escuto oboé. Meu coração vai desdobrando os panos, se alargando aquecido, dando a volta ao mundo, estalando os dedos pra pessoa e bicho.
(...)

A segunda narradora em Mia Couto (2009) trata com muito enfoque, a temática, amor. Marta sai de Portugal para país distante em busca de seu amor Marcelo. Ela não sabe o que está acontecendo, se Marcelo passa por dificuldade ou se encantou por outra mulher. Independente de qual seja o motivo, ela vai atrás desse amor:

(...)

Amo até a barata, quando descobro que assim te amo, o que não queria dizer amo também, o piolho.

Assim, te amo do modo mais natural, vero-romântico, homem meu, particular homem universal.

Tudo que não é mulher está em ti, maravilha.

Como grande senhora vou te amar, os alvos linhos, a luz na cabeceira, o abajur de prata; como criada ama, vou te amar, o delicioso amor: com água tépida, toalha seca e sabonete cheiroso, me abaixo e lavo teus pés, o dorso e a planta deles eu beijo.

Um amor que lhe rouba a identidade e a essência de ser. Marta no desapego do seu “eu” doa-se inteiramente a essa busca incessante do “eu” no “outro”. Marta escreve que só existe na existência de Marcelo.

Vês como fico pequena quando escrevo para ti? É por isso que eu nunca poderia ser poeta. O poeta se engrandece perante a ausência, como se a ausência fosse o seu altar, e ele ficasse maior que a palavra. No meu caso, não, a ausência me deixa submersa, sem acesso a mim.

Este é o meu conflito: quando estás, não existo, ignorada. Quando não estás, me desconheço, ignorante. Eu só sou na tua presença. E só me tenho na tua ausência. Agora, eu sei. Sou apenas um nome. Um nome que não se acende senão em tua boca. (COUTO, 2009, p. 132).

Marta se eterniza no amor de Marcelo e grita ao continente africano o quando esse amor a faz viver.

- Que é isto?

Na última paragem antes de chegarmos a Jesusalém, Orlando (a quem devo habituar-me a chamar de Aproximado) perguntou, apontando para o meu nome na capa do meu diário:

- O que é isto?

- Esta – emendei. – Esta sou eu.

Devia ter dito: esse é o meu nome, grafado na capa do meu diário. Mas não. Disse que era eu como se todo o corpo e toda a minha vida fossem cinco simples letras. É isso que eu sou, Marcelo: sou uma palavra, tu me escreves de noite, de dia me apagas. Cada dia é uma folha que tu rasgas, sou o papel que espera pela tua mão, sou a letra que aguarda pelo afago dos teus olhos. (COUTO, 2009, p. 134).

A portuguesa existe a partir da existência de Marcelo, que é o alimento da sua alma. A identidade de Marta esta atrelada a existência de Marcelo. Como a nova identidade do país de Moçambique pós-colônia que existe a partir do empréstimo da língua (oficial) portuguesa e da cultura do colonizador, pois como já afirmamos a descolonização não é possível de se realizar.

Quando Silvestre Vitalício determina a saída da portuguesa Marta da coutada Jesusalém, o ato de Silvestre faz alusão à expulsão de Adão e Eva do paraíso. Deus expulsa Adão e Eva por causa do pecado e da desobediência e Silvestre Vitalício expulsa a portuguesa Marta por causa da tentação do pecado implícito no ser feminino. Na voz da poetisa Adélia Prado o “eu lírico” feminino, expressa a alma feminina.

Perdi o medo de mim. Adeus.
Vou às paisagens do frio atrás do Jonathan.
Deve ser assim que se vive,
na embriagues deste vôo
no rumo certo da morte.
Amo Jonathan.
Eis aí o monocórdico, diarréico assunto.
'Ele quer te ver', alguém me disse no sonho.
E desencadearam-se as formas onde Deus se homizia.
Pode-se adorar tufo de grama, areia,
não se descobre donde vem os oboés.
Jonathan quer me ver.
Pois que veja.
O diabo uiva algemado nas profundezas do inferno,
enquanto eu
tiro o corpo da roupa.

Silvestre Vitalício ordena a expulsão da portuguesa Marta de Jesusalém, tentando impedir que a “ordem” estabelecida na coutada fosse alterada. A presença de uma figura feminina já era uma “desordem” em Jesusalém, sem falarmos das interdições impostas por Silvestre: sonhar, lembrar, chorar e rezar. Sentimentos muito suscetíveis a alma feminina. A visita de Marta provocou desordem nos sentimentos dos moradores de Jesusalém. Marta nomina sentimentos e acalenta a

alma de uns, provocando ciúmes em outros.

A personagem Marta e esse “eu lírico” do poema de Adélia Prado se complementam na construção da figura feminina.

- Não é cansaço. É tristeza. Tu sentes falta de alguém. A tua doença chama-se saudade.

Fazia tanto tempo que a mãe já não vivia, mas ela nunca chegara a morrer dentro de meu irmão. As vezes, ele queria gritar de dor, mas faltava-lhe vida para esse grito. A portuguesa, no momento, o advertiu: Ntunzi devia exercer o luto, domesticar o selvagem ferrão da saudade.

- Tens todo este lugar, tão bom, para chorar...

- De que vale chorar se não tenho quem me escute?

- Chora, meu querido, que te dou ombro.

Os ciúmes me fizeram afastar, deixando atrás o triste espetáculo de Ntunzi esparramado sobre a intrusa. Pela primeira vez odiei meu irmão. No quarto chorei ao sentir-me traído por Ntunzi e por Marta (COUTO, 2009, p. 154).

Marta incomoda e influencia os moradores de Jesusalém, faz sentimentos adormecidos despertarem e virem à tona, emergindo no âmago de cada indivíduo memórias e identidades que lhes fora negado.

Uma noite de lua pálida e gerânios
ele viria com boca e mãos incríveis
tocar flauta no jardim.
Estou no começo do meu desespero
e só vejo dois caminhos:
ou viro doida ou santa.
Eu que rejeito e exprobro
o que não for natural como sangue e veias
descubro que estou chorando todo dia,
os cabelos entristecidos,
a pele assaltada de indecisão.
Quando ele vier, porque é certo que vem,
de que modo vou chegar ao balcão sem juventude?
A lua, os gerânios e ele serão os mesmos
— só a mulher entre as coisas envelhece.
De que modo vou abrir a janela, se não for doida?
Como a fecharei, se não for santa?

Na segunda voz narrativa de Marta, temos uma escrita autobiográfica que nos conta sua paixão e desprendimento na busca do seu amado. A portuguesa fala de todos os artifícios que utilizou em busca desse amor.

- Volte amanhã, senhora, com os materiais completos – sugeriu delicadamente o adivinho. (COUTO, 2009, p. 165)
- (...)
- Marcelo me deixou...
- (...)
- Marcelo meteu-se com uma mulher casada.
- Antes ele já andava metido com uma mulher casada.
- Aqui?
- Não, lá. Era eu. E quem é esta nova mulher?
- Nunca cheguei a saber. De qualquer modo, Marcelo também já não está com essa outra. Ninguém sabe onde pára. (COUTO, 2009, p. 167)

Supera o seu orgulho ferido para saber onde está o seu amado. Suporta a dor da traição e se faz amiga de sua algoz, para desvendar a verdadeira história do seu homem. A portuguesa despe-se do seu “eu” para encontrar o marido. Confessa intimidades a Noci, mulher que recebeu Marcelo em seus braços num país distante.

E finalmente a alma de Marta tem sossego ao descobrir que seu amado não retornou porque não pôde. Talvez quisesse, mas não pôde. Marcelo realmente morrerá. Por isso não retornou. A portuguesa encontra em Moçambique uma nova identidade.

Outra poetisa eleita por Mia Couto para suas citações em epígrafes é a argentina Alejandra Pizarnik, representando uma releitura de identidades através da poesia. O “eu lírico” feminino externando sensibilidade e sensações nos levando ao questionamento da existência. Sua poesia canta o silêncio e os fundamentos da fé. “Yo me levanté de mi cadáver, yo fui em busca de quien soy. Peregrina de mi, He ido haciala que duerme em um país alviento”.

O conflito existencial e identitário na poesia suscita sentimentos de vazio e solidão na representação do silêncio. Nesse fragmento de poema temos a busca de identidade individual e coletiva. A identidade de uma nação, e aqui acredito ser a identidade de Moçambique na voz do escritor Mia Couto.

As epígrafes citadas em cada capítulo de *Antes de nascer o mundo* dialogam com a construção textual, na elaboração da ideia de identidades múltiplas e intelectualidade que hora analisa-se. As vozes femininas negadas na narrativa se despontam e recriam-se nas epígrafes. Mia Couto dá voz as suas personagens mulheres através da poesia. O sofrimento de Dordalma e seu conflito existencial, a luta de Marta em encontrar o marido, a vida de Noci quando enamorada por Marcelo

e até mesmo ao sentimento humanizado de Silvestre Vitalício e da jumenta Jezibela. A alma feminina se liquefaz e se solidifica na engenhosa construção narrativa.

2.4 O fragmento que estrutura o todo: os três livros que compõem *Antes de nascer o mundo*

A obra de Mia Couto *Antes de nascer o mundo* é dividida em três livros. Como o livro da bíblia e também como a obra literária de Graciliano Ramos, *Vidas Secas*. Mia Couto e Graciliano Ramos possuem estilo literário em comum, pois escrevem com divisões de capítulos em livros e capítulos com assuntos estanques que se encerram e não nos remetem ao subsequente.

Exemplo dessa semelhança de estilo literário entre Mia e Graciliano é a comparação entre *Antes de nascer o Mundo* e *Vidas Secas*. As duas obras têm estrutura narrativa cíclicas, possibilitando o eterno retorno, semelhanças na divisão de livros e capítulos, dedicam capítulos inteiros na apresentação de um único personagem. Suas personagens buscam por identidades através da memória e da descrição de ambiência no meio do nada. Mia Couto descreve a coutada através do primeiro narrador Mwanito e Graciliano Ramos descreve a fazenda abandonada.

O primeiro livro da obra coutiana *Antes de nascer o mundo* é intitulado “A humanidade”, em que o personagem-narrador Mwanito dedica um capítulo para cada personagem da “humanidade” que vive em Jesusalém: o pai Silvestre Vitalício, o irmão Ntunzi, Zacaria kalash o militar e fiel escudeiro de Silvestre, o próprio narrador Mwanito e a jumenta Jezibela que tem características humanizadas na narrativa. Temos ainda, Tio Aproximado que não vive em Jesusalém, mas faz parte da vida no meio do nada da coutada.

No primeiro livro o narrador que se apresenta inocente e descobrindo a vida a partir do ponto de vista de seu pai, nos descreve cada personagem e sua importância na organização social de Jesusalém. Inclusive Jezibela, que atendia às necessidades fisiológicas de homem do pai Silvestre Vitalício.

Na narrativa foi destinado um capítulo para cada personagem, no construto identitário e ideológico e de acordo com as interdições de Silvestre Vitalício, na busca de proibir a memória individual de cada ser humano que habitava Jesusalém.

A narrativa inocente de Mwanito nos dá pistas de rastros identitário de cada personagem, dos quais, origina personalidade e comportamentos. A exemplo de

Ntunzi, que traz consigo a rebeldia contra a autoridade do pai Silvestre Vitalício. Questionador Ntunzi parece duelar com Silvestre na busca desespera sobre a sua genitora.

O duelo entre pai e filho expõe identidades opostas e a luta pelo contraditório. O autoritarismo de Silvestre Vitalício não sobrepõe a vontade do filho de viver, de sair daquele lugar de exílio. Um lugar de terceira margem construído pelo pai, mas que envolve a todos. O afastamento da sociedade teve significação diferente para cada personagem. Mwanito e Ntunzi constituíram identidades margeadas por silêncio e sofrimento.

Silvestre Vitalício usa o espaço de Jesusalém como auto-exílio e não suporta a ideia de voltar ao convívio em sociedade. Zacarias espera o amigo viver o luto da morte de Dordalma para que possam retornar a civilização. Aproximado estabelece um elo de ligação entre os dois mundos, Jesusalém e a cidade. E Marta traz a tona a realidade de um mundo a ser explorado e uma vida para desfrutar.

No segundo livro “A visita”, Mwanito a primeira voz narrativa diz já ter onze anos de idade, assim temos um intervalo de tempo cronológico entre o primeiro e o segundo livro de oito anos. E é nesse capítulo que sentimos tal qual Mwanito, o descobrir da alma feminina. O narrador conta sôfrego, a sensação da primeira visão de uma mulher:

- Desculpe a senhora é mesmo uma mulher?

A intrusa ergueu os olhos, feridos por uma dor antiga. Demorou uma nuvem, sacudiu uma tristeza e perguntou:

- Porquê? Não pareço mulher?

- Não sei. Nunca vi nenhuma antes.

Aquela era a primeira mulher e ela fazia o chão evaporar. Passaram-se anos, tive amores e paixões por mulheres e , sempre que as amei, o mundo voltou a fugir-me dos pés. Aquele primeiro encontro marcou em mim, fundo, o misterioso poder das mulheres. (COUTO, 2009, p. 124 – 125).

Mwanito ainda relata a empolgação do pai ao ir ao encontro da portuguesa Marta pela primeira vez. Silvestre Vitalício se arrumou como sempre se arrumara para ir ao encontro da Jezibela. O autoritário Silvestre se curvou diante da figura feminina de Marta por alguns minutos.

Ntunzi por sua vez sentiu um alucinado desejo pela portuguesa e nesse momento suas fantasias adolescentes afloraram numa tentativa conciliatória de

realidade e fantasia. A mulher refletida em Marta era Dordalma, mas era também a alma feminina de seus desejos.

Marta, porém, trazia consigo o desejo de reencontrar o marido em terras tão longínquas. Trazia também sua história escrita em papéis que despertaram a curiosidade do menino Mwanito.

Mwanito a partir da visita de Marta à coutada Jesusalém passa a dividir o papel de narrador com a portuguesa, intercalando suas vozes narrativas até o desfecho da obra. O narrador conhece Marta e sua história pelas cartas da portuguesa, que tinha como destinatário seu marido Marcelo. Marta escreve ao seu amado relatando sua busca incessante por ele.

A presença de Marta na coutada fazia Silvestre lembrar-se do “Lado de lá” e conseqüentemente de todas as mazelas que queria tanto esquecer. Por isso tenta expulsá-la de Jesusalém. Ao ver que não consegue ordena que Zacaria Kalasha mate, na tentativa de fazer calar a voz feminina que desconstrói o seu lugar de exílio.

A luta representada na narrativa vai além do conflito entre homem e mulher, faz alusão a construção identitária de um país e de grupos dominantes que tenta monopolizar um pensamento, mas depara-se com a construção intelectual do indivíduo que se dá em todas as classes sociais.

O livro três tem como título “Revelações e Regressos” e é nele, que temos o desfecho da narrativa; a convivência com Marta em Jesusalém; os conflitos de Ntunzi e o pai, e a experiência de sair da coutada e conhecer o “Lado de lá”. Mwanito narra o retorno daquela “humanidadezinha” a Moçambique. O encontro de Silvestre Vitalício com seus medos.

O último capítulo do terceiro livro tem como subtítulo “O livro”, uma metalinguagem com a obra do autor Mia Couto (2009), pois nesse episódio Mwanito, o primeiro narrador, conta ao irmão que a vida em Jesusalém havia sido registrada:

Fui à gaveta da cozinha e retirei a pasta da escola que escancarei ante o olhar atônito de meu irmão.

-Veja estes papéis – disse, estendendo um maço de páginas caligrafadas.

Tudo aquilo eu redigira nos momentos de escurecimento. Atacado por cegueiras deixava de ver o mundo. Só via letras, tudo o resto eram sombras. (COUTO, 2009, p. 275)

O narrador Mwanito também escreveu um livro, como o autor Mia Couto. Os livros se entrelaçam na autobiografia, na história Moçambicana e no resgate da memória e da identidade cultural.

2.5 As duas vozes narrativas: Mwanito (Moçambique) e Marta (Portugal)

Em *Antes de nascer o mundo*, Mia Couto trabalha com duas vozes enunciativas, ou seja, construindo dois planos narrativos, cada um narrando a própria história. O primeiro narrador é Mwanito e o segundo Marta a portuguesa.

O dilema das personagens na narrativa, nos remete ao grande dilema do povo moçambicano da memória e do esquecimento, na busca da identidade de uma nação, bem como, na cumplicidade da construção narrativa entrelaçando oralidade e escrita. Mwanito no início da narrativa não sabia ler nem escrever, já Marta tinha propriedade na escrita.

Temos também a representação da voz do colonizado (Mwanito) e a voz do colonizador (Marta). Mwanito dialogando com a tradição e a cultura de origem do povo moçambicano e Marta representando a influência da cultura colonizadora sobre a colônia, a exemplo disso, a escrita em língua portuguesa.

A obra coutiana apresenta assim, a dualidade entre tradição e modernidade, numa vertente autobiográfica tanto dos narradores, como do próprio autor. Usa-se a língua (oficial) portuguesa, que já foi objeto de repressão como artifício de libertação. O personagem-narrador Mwanito se liberta a partir da escrita:

E foi assim que começaram as primeiras lições. Uns prendem por cartilhas, em salas de aula. Eu me iniciei soletrando receitas de guerra. A minha primeira escola era o paiol. As aulas ocorriam na penumbra do armazém, nos longos períodos em que Zacaria estava ausente, aos tiros pelo mato.

(...)

- Não tem medo de sermos apanhados, Ntunzi?

- Você deve ter medo é de não saber. Depois da leitura, vou ensinar-lhe a escrever.

Não tardou que começassem as clandestinas lições da escrita. Um pequeno graveto rabiscava na areia do quintal e eu, deslumbrado, sentia que o mundo renascia como a savana depois das chuvas. Aos poucos, eu entendia as interdições de Silvestre: a escrita era uma ponte entre tempos passados e futuros, tempos que, em mim, nunca chegaram a existir. (COUTO, 2009, p. 41 – 42)

Mia Couto resgata através da narrativa a história colonial de Moçambique como faz em *Vinte e Zinco*, mas agora, no confronto entre memória e identidade. As vozes narrativas de *Antes de nascer o mundo* estão, como já dissemos, representadas entre colonizado e colonizador.

Mwanito é moçambicano e lhe foi tirado o direito de viver em seu país de origem com sua história e cultura; Marta em sua viagem a Moçambique também se desfaz de sua identidade europeia. Nessa reconstrução identitária as vozes narrativas se ressignificam fundindo a cultura europeia e a cultura moçambicana, surgindo uma nova fronteira cultural.

Nessa nova fronteira temos a terceira margem, o lugar do interdito. No surgimento de novas identidades, constituídas de rastros identitário dos povos portugueses e moçambicanos. Surge uma nova ordem social e cada indivíduo que vive esse processo fica dividido entre a tradição e a modernidade, a oralidade e a escrita, o período colonial e o pós-colonial. Na verdade o povo moçambicano se reconstruiu enquanto país e identidade cultural. E segundo Abdala Junior o empréstimo entre culturas constitui uma nova sociedade.

A que pensar ainda, nas vozes intelectuais que conversam com o leitor de Mia Couto em *Antes de Nascer o Mundo*, a representação do intelectual que valoriza a tradição, a memória e a oralidade – Mwanito – que ao conhecer as letras registra a vida em Jerusalém; e a voz intelectual da portuguesa Marta, que se despi da cultura europeia para conhecer a cultura Moçambicana.

A voz narrativa de Mwanito anseia por uma memória que lhe foi tirada por seu pai. Silvestre tinha suas motivações para rejeitar seu passado, sua memória. Ele busca em Jerusalém o esquecimento como forma de compensação pela perda de Dordalma, sua mulher. Silvestre Vitalício se reconstrói a partir da negação:

- É por isso eu vocês não podem nem sonhar, nem lembrar. Porque eu próprio não sonho, nem lembro.
 - Mas pai, o senhor não tem memória da nossa mãe?
 - Nem dela, nem da casa, nem de nada. Já não me lembro de nada.
- (COUTO, 2009, p. 18)

Mwanito em sua ressignificação aprende a ler e escrever na eterna busca da identidade, construindo-se no trânsito das águas do passado e do presente, alcançando sua memória, fazendo alusão a história de Moçambique no pós-guerra e

na reconstrução sócio-cultural.

Marta é colocada com segunda narradora a partir do livro dois da obra, através de seus escritos em papéis endereçados ao marido Marcelo, que ela acredita estar perdido em Moçambique. Seus textos nos levam à existência de uma história dentro de outra história. Ora Marta escreve, ora dialoga consigo mesma.

A narrativa coutiana não segue regras rígidas de construção, todavia a primeira e a segunda voz narrativa de *Antes de nascer o mundo* vão alternando situações narrativas similares. Marta e Mwanito realizam narrativas em diários, revelam histórias autobiográficas e buscam por suas memórias e identidades.

O discurso dos narradores difere na origem e na memória, enquanto Marta quer o retorno a Moçambique e a sua terra natal – Portugal - Mwanito se sente forasteiro em Moçambique. Apesar de falar a mesma língua que Marta, desconhece sua cultura:

As palavras dela eram estrangeiras mesmo ditas na mesma língua. O idioma de Marta tinha outra raça, outro sexo, outro veludo. O simples acto de a escutar era, para mim, um modo de emigrar de Jerusalém. (COUTO, 2009, p. 148)

A segunda voz narrativa, Marta, nos surpreende quando escreve uma carta a Mwanito como se fosse sua mãe Dordalma, desvendando a sua morte. Revelações que desconstroem a imagem rude de Silvestre Vitalício que passa de carrasco à vítima, como o povo moçambicano no pós-guerra, quando portugueses remanescentes em Moçambique e Moçambicanos em Portugal viram-se a margem de um lugar de pertencimento, numa redescoberta identitária.

Os dois narradores de *Antes de nascer o mundo* na impossibilidade da fala e da memória usam a escrita para expressarem sentimentos. A narrativa é construída através de novas identidades, buscando seu lugar de pertencimento, como ainda hoje vive o povo moçambicano.

E na procura de sua identidade Mwanito quer obter a lembrança da mãe, que pode simbolizar a busca de referencia identitária da pátria moçambicana. E Marta quer encontrar o marido Marcelo, que veio a Moçambique na profissão de fotógrafo, e jamais retornou a Portugal. As duas buscas são sem retorno, pois Dordalma e Marcelo estão mortos. O retrato da perda é algo comum no país de Moçambique devido ao longo tempo histórico de guerra.

A narrativa nos traz a inquietude das personagens nesse espaço de vazio e silêncio, mas repleto de significação sócio-cultural. Portugueses e moçambicanos se encontram e constroem uma nova história, com uma nova formação social e de identidades, surgindo um novo pensar onde se concebe teorias como a de hibridismo, que acontece também num local cultural, com fusões de várias culturas num contexto ideológico, social e histórico, resultando na ressignificação das identidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ciências constroem estudos em diversas áreas de conhecimento e tratamos nesse estudo identidades e intelectualidade na obra *Antes de nascer o mundo* de Mia Couto, iniciando-se pelo movimento humanista, que a princípio, como toda teoria, incorre em exageros e limitações dos próprios teóricos, mas que fomenta uma nova forma de pensar que se aprimora através da construção dessa nova linha de pensamento, atingindo nos dias de hoje a quebra de inúmeros paradigmas, entre eles, a concepção de raça, ideologia e cultura “pura”, enquanto origem.

A partir do conceito de hibridismo as personagens da obra coutiana e suas culturas se entrelaçam à medida que a sociedade mundial se aproxima através de deslocamentos e migrações e esse entrelaçamento dá lugar a algo novo a ser estudado, reconhecendo na obra a periferia; o lugar onde o indivíduo busca localizar-se nessa situação de transitoriedade.

A obra coutiana contém elementos históricos e políticos do país de Moçambique, uma ideologia de vivência e experiências, que se comprova em sua história de luta junto a Frente de Libertação de Moçambique e na constituição de sua escrita.

Mia Couto problematiza em suas obras *Antes de nascer o mundo* e *Pensatempos*, o indivíduo que se adapta ao sistema hierárquico de dominação, que resiste a “ele” e que exerce o poder de repressão, entrelaçando ficção e realidade na representação das condições de vida em seu país e no mundo.

Em suas narrativas o autor representa essa busca identitária do indivíduo que é particular e solitária, mas ao mesmo tempo coletiva, quando se trata de uma visão humanitária, no idealismo de uma sociedade mais civilizada, que pensa sobre a existência humana num contexto coletivo. Ideias de supra-nacionalidade que ora aproximam, ora distanciam esse novo pensar social do indivíduo enquanto cidadão do mundo.

E a partir dessa nova forma de viver do indivíduo, que se desloca de região, de continente e passa a representar esse trânsito que quebrou paradigmas e levou a essa nova linha de pensamento – do indivíduo em movimento – rompendo assim com os rótulos identitários presentes em nossa historicidade mundial; surge o pensamento do intelectual.

Não importa mais de onde somos e sim para onde vamos. O lugar de pertencimento se amplia, surgindo o cidadão desenraizado, que não toma para si nenhum país como pátria. Esse deslocamento do indivíduo dá-se também na linguagem, no discurso do “eu” implícito no discurso do “outro”. Da resistência aos modelos europeus e da produção cultural de um povo colonizado, imbricando traços e rastros de culturas que estiveram envolvidas no processo colonizador.

Nas obras *Antes de nascer o mundo* e *Pensatempos* de Mia Couto temos a representação dessas identidades reconstruídas e do intelectual público, ora em suas personagens ora o próprio autor ao expor suas ideias, exercendo grande influência no pensamento mundial sobre conceitos e posicionamentos políticos e sociais. Um sujeito crítico que está interdito em sua obra e na sua atuação como cidadão cosmopolita, representando o pensamento crítico e ético de militância intelectual.

REFERÊNCIAS

ABDALA JR., Benjamin (org.). *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. *De Vãos e Ilhas: Literatura e Comunitarismos*. Editora Ateliê editorial. São Paulo, 2003.

_____. *Literatura, história e política: literaturas de língua portuguesa no século XX*. 2.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

_____. *Literaturas de Língua Portuguesa: Marcos e Marcas: Portugal*. 2007.

_____. *Fronteiras múltiplas, identidades plurais - um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural*. 2002.

ABRALIC. *Anais*. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0561-1.pdf>. Acessado em: 20/06/2014

ANDRADE, Maria Margarida de. *Introdução à Metodologia do Trabalho Científico*, 10ª ed. São Paulo. Atlas, 2010.

A BIBLIA DA MULHER. 2ª Ed. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2008.

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo, Editora UNESP, 1997.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1997.

BRUNEL P. /PICHOS C. /ROUSSEAU A. M., *Que é Literatura Comparada*. 1ª Ed. Editora Perspectiva S.A. São Paulo, 1995.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela Noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

_____. *Formação da Literatura Brasileira. Momentos Decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993 (vol. 1 e 2).

_____. *Literatura e sociedade*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2008.

CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas: estratégia para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2003.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. 4ª Ed. Editora Ática. São Paulo, 2007.

COUTO, Mia. *A Confissão da Leoa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Antes de nascer o mundo*. Companhia das Letras, São Paulo, 2009.

_____. *E se Obama fosse africano?: e outras intervenções*. Companhia das Letras, São Paulo, 2011.

_____. *Pensageiro Frequente*. 3ª Ed. Editorial Caminho S.A, Alfragide, 2010.

_____. *Pensatempos – Textos de opinião*. 2ª edição, Editorial Caminho S.A, Lisboa, 2005.

_____. *Vinte e Zinco*. Editorial Caminho. S.A, Lisboa, 1999.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. In _____ Col. Polêmicas do Nosso tempo, Editora Cortez, São Paulo, 1985.

FOUCAULT, M. *Os intelectuais e o poder – conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze*. In: Foucault, Michel. *Microfísica do poder*. 4ª ed. RJ: Edições Graal, 1984.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade / Édouard Glissant*; tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. – Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GRAMSCI, Antônio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Editora Civilização Brasileira S.A RJ. 1982

HILST, Hilda. *Manuscritos e processos criativos. Suplemento Literário do “Minas Gerais”*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, n. 70, pp. 22-24, abr. 2001.

MAQUÊA, Vera. *A escrita nômade do presente: literaturas de língua portuguesa/Vera Maquêa*. São Paulo, Arte & Ciência, 2010.

MATA, Inocência. *A Literatura Africana e a Crítica Pós-Colonial: Reconversões*. 1ª Ed. Editorial Nzila. Luanda, 2007.

MIA COUTO: um convite à diferença / organizado por Fernanda Cavacas, Rita Chaves, Tania Macêdo. São Paulo. Humanitas, 2013.

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada história, teoria e crítica*. 2ª Ed. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

PRADO, Adélia. *Bagagem / Adélia Prado* – São Paulo: Siciliano, 1991.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2001.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Humanismo e crítica democrática*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOWEL Thomas. *Os Intelectuais e a Sociedade*. Realizações Editora, São Paulo, 2011

UFMT. *Agrotóxicos em leite humano de mães residentes em Lucas do Rio Verde – MT*. Disponível em: www.ufmt.br/ppgsc/arquivos/857ae0a5ab2be9135cd279c8ad4d4e61.pdf. Acessado em 15/07/2014.

WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding / Ian Watt*; tradução Hildegard Feist. São Paulo. Companhia das Letras, 2010.